

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS



**AS ANTAS-CAPELAS EM PORTUGAL: PRÉ-
EXISTÊNCIAS, TIPOLOGIAS,
CRISTIANIZAÇÃO E FORMAS DE
EXPRESSÃO ARTÍSTICA**

ANA RITA GOMES COSTA

Tese orientada pela Prof.^a Doutora Teresa Leonor Magalhães do
Vale, especialmente elaborada para a obtenção do grau de Mestre
em História da Arte e Património

2019

AGRADECIMENTOS

A presente obra escrita, que resultou numa dissertação de mestrado a apresentar publicamente, teve no decorrer da sua execução, diferentes momentos de alegria, de inspiração e de desinspiração decorrentes da responsabilidade pela busca do conhecimento, pelo desejo de elaborar o melhor trabalho possível com base nas possibilidades existentes e fontes ao dispor.

Gostaria deste modo agradecer em primeiro lugar à minha família pela presença constante em todos os momentos, pelo acompanhamento e carinho prestado, pela coragem que souberam transmitir-me, pelo amor e pelo orgulho que sempre demonstraram ter por mim e pelos valores que me foram sendo transmitidos desde pequena. Desde que vim a este mundo que junta a eles, pude crescer num lar com segurança e amor em doses possíveis e meios abundantes para sonhar de forma altruísta e estruturada.

Às pessoas que caminharam pela minha vida e contribuíram para um melhor autoconhecimento histórico, incentivando-me a uma expansão constante de conhecimentos. Agradeço também, a todas as pessoas novas que foram entrando na minha vida nos últimos tempos, mostrando-me que a vida é uma realidade em constante mutação e que a estagnação da mesma é ilusória.

À minha mãe pela compreensão, presença constante, colo e amor eterno que só ela detém; ao meu pai, pelo natural vínculo que desde sempre nos uniu e pela força de energia simplificada que sinto a cada reencontro com ele; à minha avó, pela sua invejável inteligência de vida que, com o passar dos anos, tem o mérito de aguçar a realidade das coisas de modo bastante atualizado e de encorajar-me a seguir com os meus objetivos vigentes; ao meu irmão, pela sua assertividade, conselhos fraternos, carinho “aquático” de “pisciano” e inteligência de vida que me ensina a ver o mundo de uma forma tão particular.

Não menos importante, gostaria de agradecer à Prof.^a Dr.^a Teresa Leonor Magalhães do Vale, professora de licenciatura e orientadora desta dissertação de mestrado da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa que ao longo desta etapa, soube apoiar-me em todos os momentos, pelo que muito lhe agradeço pela

disponibilidade e ajuda manifestada, acompanhando-me enquanto sua aluna e incentivando-me a materializar os meus desejos.

Às pessoas especiais do meu círculo de amizades, as quais estão subentendidas e sabem o grande carinho e amor que possuo por elas, mas também às mais próximas, tanto às que passaram pela minha vida como às que permanecem desde então.

Ao amor presente em cada ser humano...

A cada olhar cruzado...

À cultura, à diversidade e à vida...

Ao poder e à força...

RESUMO

O estudo aprofundado acerca das antas-capelas em Portugal, particularmente do ponto de vista da historiografia de arte, é imperativo, nomeadamente no que diz respeito às pré-existências, suas diferentes tipologias, processos de cristianização e formas de expressão artística ao nível de cada categoria artística expressiva (arquitetura, escultura, pintura, artes decorativas, memórias cripto-artísticas). Existem um total de seis antas-capelas distribuídas geograficamente pelos distritos de Évora (4), Santarém (1) e Guarda (1). Cada uma possui características distintas que levaram à sua edificação, contendo uma história ou lenda associada que será ao longo deste trabalho desvendada, mediante documentos ou histórias populares que as fizeram perdurar diante a tradição oral. Possuem também, diferentes tipologias no eixo em estudo “anta/templo cristão”, sendo que a este facto é dedicado um capítulo sobre o mesmo. A pertinência de um estudo de índole mais aprofundada sobre a temática relativa a estes monumentos megalíticos, convertidos em templos cristãos na Idade Média e Moderna, são de superior importância para a compreensão destes fenómenos a nível regional mas também num contexto mais abrangente do panorama histórico e artístico português. Para tal, é necessário primeiramente compreender o megalitismo em Portugal e onde a sua expressão é mais acentuada, havendo assim um cruzamento de dados essenciais para este estudo que, inevitavelmente terá raízes pré-históricas, compreendendo as vivências do Homem do Neolítico até à atualidade.

Cada exemplar é único no seu programa artístico subordinado a uma santidade à qual é dedicado o templo correspondente, conferindo-lhes uma obra de arte total que é única e que foi realizada em épocas diferentes (século XV, XVI, XVII, XVIII) na história portuguesa, nos seus particulares contextos. Não tendo conhecimento quanto às datas oficiais das cristianizações, poder-se-á ter uma ideia pela quantidade de objetos litúrgicos como objetos decorativos cristãos presentes no seu interior, a uma possível datação parcial.

Muitas vezes esquecido, este é um fenómeno que não se encontra presente somente em contexto nacional, existindo exemplares deste género espalhados um pouco por toda a Europa, ainda que apresentem as mais variadas tipologias e processos de maturação artísticas e religiosas. Tal razão justifica-se pelo facto de cada país possuir uma história, valores, ideologias e programas artísticos próprios. No caso nacional, que irá ser estudado com profundidade, cada anta-capela detém em si uma grande carga

memorial da obra deixada no tempo, como monumentos que se enquadram no seu lugar específico de implantação, rodeados por circunstâncias únicas de modelações culturais próprias e guardando reminiscências populares que lhe conferem diferentes leituras que serão desenvolvidas no decorrer deste trabalho.

Alertar para a degradação permanente a que este património está sujeito é de fulcral importância e urge que o mesmo seja documentado e explanado para que possam ser tomadas medidas que de alguma forma, desacelerem o deteriorar do mesmo.

Palavras-chave: História da Arte/Antas-Capelas/Restauro/Património/Cultura Portuguesa

ABSTRACT

A thorough study about dolmen-chapels in Portugal, from an art historiography perspective is mandatory, especially regarding their pre-existence, different typologies, rapport with Christianity and the artistic expression of each category involved: architecture, sculpture, painting, decorative arts, crypto-artistic legacy.

There are six dolmen-chapels in total in Évora (4), Santarém (1) and Guarda (1). Each one holds distinct features accountable for its erection and related to a story or legend. This essay explores them using the folk documents and stories that, having been passed on from generation to generation by word of mouth, have kept such gems alive.

We have dedicated a whole chapter to the different typologies as a result of the link dolmens-Christian temples.

The importance of studying these megalithic monuments, converted to Christian temples during the Medieval and Modern Ages, on a more comprehensive level, lies in their relevance to the understanding of such phenomena at a regional level, but also in the broader context of Portuguese History and Art. As such, firstly we must take meaning of the megalithic period in Portugal, and where its expression is stronger, causing a critical information overlap, ergo requiring this essay to address Pre-historic times and to consider the Neolithic man until the actuality.

Each body of stones is unique in its artistic devotion to a patron, or patroness, saint, making them unprecedented all-round art pieces in the Portuguese History, put together over different periods, from the XV to the XVIII centuries. Ignoring the official date in which Christian conversions took place, but considering the variety of liturgical objects, like the Christian art décor found *in loco*, we can determine a reasonable time frame for the shaping of these structures.

It is often forgotten that such objects are not limited to the national context, and similar buildings can be found scattered over Europe. Certainly presenting varied typologies and stages of local artistic and religious development, all embody their home country's history, values, beliefs and aesthetics.

In the Portuguese scenery, the core of this paper, each dolmen-chapel is heavily charged with significance, as monuments that interact with their surroundings, under a unique cultural predicament, acting as guardians of the folklore that gives them their specific meaning. Said meaning will be disclosed throughout this essay.

It is fundamental to raise awareness, and document, the ongoing degradation the dolmen-chapels are being subject to, so protective measures can be taken in order to slow down the ruin of this heritage.

Key-words: Art History / Tapirs-Chapels / Restoration / Heritage / Portuguese Culture

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO

2. ESTADO DA QUESTÃO

3. AS ANTAS-CAPELAS EM PORTUGAL

3.1 – DEFINIÇÃO DE ANTA/DÓLMEN.....	23
-------------------------------------	----

3.2 – DIVERSAS FUNCIONALIDADES ATRIBUIDAS NO MEGALITISMO (PERÍODO NEOLÍTICO)	25
--	----

4. PRÉ-EXISTÊNCIAS ATRIBUÍDAS (ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA)

4.1 – HISTORIAL DE UTILIZAÇÕES PRÉVIAS DA IDADE DA PEDRA À CONTEMPORANEIDADE.....	29
---	----

4.2 – EXPEDIÇÕES ARQUEOLÓGICAS	46
--------------------------------------	----

5. PROCESSOS DE APROPRIAÇÃO

6. TIPOLOGIAS

6.1 – TIPOLOGIAS EXISTENTES EM PORTUGAL	55
---	----

6.1.1 – TIPOLOGIA 1: CAPELA NO INTERIOR DA ANTA.....	55
--	----

6.1.2 – TIPOLOGIA 2: ANTA EMBUTIDA DENTRO DA PAREDE DO ESPAÇO CRISTÃO	56
---	----

6.1.3 – TIPOLOGIA 3: ESPAÇO ACRESCENTADO A PARTIR DA ANTA	67
---	----

7. CRISTIANIZAÇÃO

7.1- O CULTO DOS MORTOS <i>versus</i> RELIGIOSIDADE; SAGRADO <i>versus</i> PROFANO...	62
---	----

7.2 – O PARTICULAR CASO EBORENSE.....	65
---------------------------------------	----

8. FENÓMENOS DE EXPRESSÃO ARTÍSTICA

8.1 - PINTURA	68
---------------------	----

8.2 - ESCULTURA	69
-----------------------	----

8.3 - AZULEJO	71
---------------------	----

9. PARA UMA SENSIBILIZAÇÃO PATRIMONIAL.....	73
10. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....,,,	76
11. BIBLIOGRAFIA.....	79
12. ANEXOS	
12.1 FOTOGRAFIAS.....	83
12.2 FOTOGRAFIAS AÉREAS	98
12.3 MAPAS.....	101

1. INTRODUÇÃO

A temática de estudo deste trabalho foi ao longo dos tempos omissa, como também parcialmente estudada do ponto de vista de documentação histórica, sendo esta pouco abonada ou esquecida do conhecimento geral e do cuidado por parte dos estudiosos. Numa perspectiva historiográfica e principalmente de cariz artística, sem dúvida que foi faltando uma nova abordagem atenta e renovada sobre a forma como estes monumentos foram adquirindo significados ao longo da história, juntamente com uma análise digna e comparativa que enquadre este fenómeno e que dê novas reinterpretações, proporcionando renovados debates acesos no núcleo de investigadores.

As antas-capelas em Portugal são únicas do ponto de vista mundial, pelas suas especificidades e pela apropriação de seus monumentos pré-históricos que detêm uma importante memória do lugar que com o tempo, foi agrupando lembranças e vivências.

Originárias do período neolítico, estes marcos únicos são construções carregadas de simbolismos que conseguiram reagrupar diversas funcionalidades até à atualidade. Partindo de uma suposição de cultura cristã que abrange o território português, os períodos de reforma que demarcaram uma transição tipológica e artística, tiveram um forte impulso com o Concílio de Trento, pela necessidade de trazer à arte uma nova linguagem com programas renovados em que a valorização pela história e as pré-existências estavam em destaque. Transitando do paganismo para o cristianismo, a cada uma destas antas-capelas é prestado um culto cristão associado à edificação do monumento com os seus respetivos oragos, são eles: Nossa Senhora do Monte (Penedono), Nossa Senhora do Livramento (São Brissos), São Bento do Mato (Azaruja), Santa Maria Madalena (Alcobertas), São Dinis ou Dionísio (Pavia) e São Fausto (Torrão).

Torna-se desafiante compreender o que motivou o aproveitamento destes monumentos de pré-existências megalíticas para o culto cristão, numa época em que pouco ou nada estava estudado sobre a temática do megalitismo, havendo até lendas associadas às suas origens e formações. Supõe-se assim uma atuação para o Homem Medieval e Moderno, com base nas leis da igreja vigentes na época e com as realidades vividas no domínio antropológico, sociológico e historiográfico.

Este estudo apresenta diferentes visões para a cristianização destes espaços, como uma necessidade de reforma vivida no próprio seio da Igreja da época em que o espaço urbanístico e envolvente teve que ser reformado, tendo em conta o diálogo

intuitivo como ponte de saber aplicado aos leigos religiosos e à sociedade em geral, servindo também outros propósitos de visibilidade para diferentes recetores estratégicos. Ter-se-á tratado, muito claramente de uma forma de campanha clerical gradual ao nível regional, obedecendo assim esta arte a um programa específico e claro. A importância das antas-capelas como veículos que transitaram entre os universos do sagrado e do profano com o culto dos mortos e a religiosidade é o que mais fascina este panorama global de constituição identitária.

O trabalho é composto por doze capítulos onde se faz, após um breve ponto introdutório, desenvolvimentos no capítulo dois que contempla o “Estado da Questão”, numa breve reflexão do que já foi abordado sobre o tema dentro da bibliografia disponível e consoante a informação reunida, abrindo caminho a novas discussões. A recolha exaustiva em arquivos e documentação que fosse válida e que possuísse base histórica foi relevante para enumerar cada pesquisa, citando o que alguns autores já abordaram sobre o tema e comparando-os entre si.

No terceiro capítulo, o foco dirigiu-se para o caso das antas-capelas no nosso país, dissecando as definições do conceito de anta/dólmen mais comumente usadas para um bom enquadramento de base teórica do trabalho, seguindo-se as funcionalidades que estes monumentos tiveram particularmente na época de suas construções, o Período Neolítico.

No capítulo quatro, o tema geral é abordado pelo ponto de vista das pré-existências atribuídas a cada anta-capela, desde a Idade da Pedra até à contemporaneidade, contemplando igualmente expedições arqueológicas realizadas por períodos de tempo distintos, estes organizados por ordem cronológica.

Segue-se o capítulo cinco, onde são referidos os processos de apropriação dos monumentos, especificando para cada caso, a sua matriz existencial e o respetivo seguimento evolutivo que chegou até aos nossos dias.

As tipologias existentes são abordadas no sexto capítulo onde cada um dos monumentos foi agrupado em três tipologias distintas e estas analisadas de acordo com as suas especificidades constituintes.

No capítulo sete, a cristianização ocupa a temática principal de análise onde são demonstrados os pontos convergentes entre o culto dos mortos e a religiosidade e também entre o sagrado e o profano com o tema da cristianização. Fez-se também um estudo relativo ao caso particular eborense, uma vez que a maioria das antas-capelas

incide no distrito de Évora. Sem a compreensão dos processos de cristianização, dificilmente se compreenderá toda a lógica por detrás da investigação.

Mas é a componente artística que constitui extrema importância para este núcleo de trabalho, sendo para tal motivo o capítulo oito dedicado aos fenómenos de expressão artística onde a pintura, a escultura e o azulejo são alvo de investigação particular, com as análises pormenorizadas de cada modelo. Efetuaram-se pontos de comparação com outras obras investigadas que apresentem semelhanças de forma a desvendar o seu programa iconográfico e os propósitos em terem-se optado por determinados rumos estéticos.

Por fim, no capítulo nove, é efetuado um alerta para a sensibilização patrimonial relativamente aos legados vernaculares, abrindo um leque de soluções futuras, baseado em erros cometidos no passado e conferindo soluções de melhoramento quanto à forma de preservação deste património regional cuja proteção não deve ser desconsiderada. O último capítulo consiste nas considerações finais da investigação. Seguidamente apresentam-se bibliografia e anexos de carácter fotográfico e sobretudo cartográfico.

2. ESTADO DA QUESTÃO

Todo o processo de desenvolvimento desta pesquisa foi marcado pelo surgimento de dificuldades associadas à amplitude que envolve esta temática e cujo objecto de investigação obedeceu a uma abordagem teórico-metodológica. A partir de um levantamento bibliográfico que situe e defina o objecto alvo, tornou-se pertinente definir uma análise baseada em inferências dedutivas partindo de cada caso específico para o geral.

Procedeu-se assim a uma listagem da ordem pela qual aparecem os monumentos:

No caso específico da anta-capela de São Bento do Mato, na Azaruja, o documento mais antigo onde se faz menção desta edificação são as *Memórias Paroquiais* (1758), publicadas *online* pelo C.I.D.H.E.U.S. (Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades / da Universidade de Évora) em que a igreja paroquial, possuindo a anta adjacente na parede a norte, é descrita da seguinte forma por Cura Braz Mendes Varregoso:

“1. Ao número primeiro respondo que esta freguesia de S. Bento do Matto fica na Provincia d’ Alentejo, no Arcebispado de Évora; a mayor parte della he termo da dita Evora cidade e a menor, em que está a igreja he termo de Evora Monte, de cuja matriz he filial segrada e parte que he termo de Evora cidade desta mesma he comarca, segundo a parte que he termo da villa de Evora Monte, he comarca de Villa Viçosa.
(...)”

4. Ao quarto, que a igreja da dita freguesia está situada na fralda de hum pequeno monte, e rodeada de outros de tal modo, que nada he visto senão quando perto della se chega, nem della se descobrem outros lugares.”

Numa descrição introdutória acerca do contexto geográfico e de implantação da igreja, o autor caracteriza a sua envolvimento e remete igualmente para algumas narrações do interior da mesma onde é possível discernir os diferentes altares e respectivas imagens:

“7. Ao sétimo que o Orago da igreja he o Patriarca S. Bento. He esta de huma só nave. Tem sette altares, três na frente ou cabeça, e dous por cada lado no corpo da

igreja; no do meyo da frente, que hé o altar mor está a imagem do Orago, que he de madeira em vulto. Nos dous collaterais da mesma frente, no do lado do Evangelho está a Imagem de Nossa Senhora do Rozário, no do lado da Epístola a Imagem de Nossa Senhora da Encarnação; os dous que no corpo da Igreja estão do lado do Evangelho são hum de S.Braz, Bispo e Mártir, outro do Arcanjo S. Miguel; os do lado da Epístola são hum de Santo Amaro Abbade, outro de Santo Agostinho Bispo, e Doutor da Igreja. Há nella duas Confrarias, huma do Rozário outra das Almas.”¹

Sem que qualquer imaginária aqui descrita tenha ficado para deixar o seu legado, a plenitude da composição do seu interior está aqui muito bem patente, completando-se a ideia acerca da sua distribuição interior e da relevância das imagens nestes altares. Umas de maior amplitude como são Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora da Encarnação, Arcanjo S. Miguel, Santo Amaro e Santo Agostinho Bispo, ficando S. Brás e o orago São Bento do Mato numa esfera secundária na escala da hagiologia cristã. As Memórias Paroquiais são o registo mais antigo e fidedigno à época do seu século que se conseguiu apurar.

Dando continuidade e exercendo referência à mesma anta-capela localizada no concelho de Évora e freguesia de Azaruja, a primeira² referência do século XX que se conhece ao monumento, foi efectuada por Abel Viana e Dias de Deus aquando de uma sondagem realizada no local na década de 50. Através de uma escavação arqueológica executada, a dupla encontrou um fragmento de cerâmica decorada com mamilos junto ao bordo³, estando esta passagem disponível na obra de 1997 *Antas-Capelas e capelas junto a antas no território português*.

É mencionado na obra a sinalização de um povoado pré-histórico nas imediações do local que logra a um período contemporâneo à época de edificação da anta adjacente. No referido vale, existem vestígios abundantes de “cerâmica de construção, indicando a presença de um importante estabelecimento romano”.⁴

¹ Pe. Luís CARDOSO, *Memórias Paroquiais*, 1758. Descrição do Cura Braz Mendes Varregoso, disponível para consulta em: <http://portugal1758.di.uevora.pt/index.php/lista-memorias/52-evora/1304-evora-sao-bento-do-mato>.

² Citado por Jorge de Oliveira in *Antas-Capelas e capelas junto a antas no território português*, p. 19, cf. VIANA, Abel e DEUS, A. Dias de, *Mais alguns domens na Região de Elvas (Portugal)*, IV Congresso Arqueológico Nacional, Saragoça, 1957.

³ OLIVEIRA, Jorge de, *Antas-Capelas e capelas junto a antas no território português*, Lisboa, Edições Colibri, 1997, p. 18

⁴ OLIVEIRA, Jorge de *op. cit.*, p. 19

Este primeiro exemplar de um conjunto de objetos que servem de estudo ao propósito do tema proposto demonstra uma ligação da realidade cristianizada em simbiose com os vestígios e consequentemente presenças de outros povos pré-cristãos, realidade que será uma permanência nos próximos monumentos apresentados.

Em Alcobertas na freguesia de Rio Maior, a anta-capela de Santa Maria Madalena constitui um importante monumento primitivo que levou a um acrescentamento posterior da igreja matriz a partir do seu núcleo, mantendo-se a invocação à mesma santa patrona. O Padre Luís Cardoso no seu *Dicionário Geográfico* discorre na sua obra este processo de continuidade e de referência que Santa Maria Madalena aportava para a região.

"Antes de esta Igreja o ser era huma pequena Ermidinha, mal composta, e tosca, cujas paredes se firmavão sobre humas pedras grandes que alli creou a natureza, e entre ellas se edificou a pobre Ermidinha, e alli collocarão, para ser venerada, huma Imagem de Santa Maria Madalena, e esta foy a primeira Igreja, que teve esta freguesia, a qual foy instituída por huma Carta de licença do Senhor D. Afonso Cardeal do Titulo de S.Braz, Arcebispo de Lisboa, pasada em quatro de Julho de 1536, que está no Cartório da Igreja de Alcanede; depois vendo os freguezes, que lhe era necessário mayor Igreja, a fizeram no mesmo lugar, deixando ficar esta Ermidinha aberta com hum arco na mesma igreja no meio da parede da parte do Evangelho, e ficou a nova igreja com a mesma invocação de Santa Maria Madalena".⁵

Resultante da única bibliografia encontrada para a época de 1747, o autor faz referência ao megálito como sendo uma “pequena ermidinha” ao qual menciona a existência de “humas pedras grandes” ao qual foi a natureza a sua obreira “que alli as creou”. Não detendo de conhecimento arqueológico necessário para enumerá-la de anta, constata-se no presente que esta une-se ao corpo da igreja quinhentista, através do corredor original pré-histórico que também fora preservado.

⁵Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.pt/en/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/72743>. Cit. Padre Luís CARDOSO, *Diccionario geografico...*, Vol. I, 1747, p. 192

Dois séculos depois e já em 1957 classificou-se a anta-capela das Alcobertas como Imóvel de Interesse Público pelo Decreto n.º 41 191, DG, I Série, n.º 162, de 18 de Julho⁶.

Noutra abordagem teórica que incluiu a reunião de depoimentos populares da freguesia, evidencia-se no conhecimento popular que a construção do monumento deveu-se a Santa Maria uma vez que vários relatos apontam que as pedras, originárias do lugar de Nossa Senhora da Luz situado na vertente este da Serra dos Candeeiros, teriam sido dali transportadas. Outros populares associam o nascimento daquelas pedras à santa, tendo elas surgido naquele local através de um milagre inexplicável de teor hierofânico. Na base destes contos orais está referido que os crentes dirigiam-se até ao monumento para expiarem os seus pecados.

Esta reapropriação de passagem entre dois tipos de templos, um anterior megalítico (pré-histórico) para um ulterior de natureza cristã justifica certas lendas que existem em torno deste fenómeno onde o reconhecimento e entendimento deste lugar como sagrado perduraram concisamente durante todos os seus períodos de existência. Através dos conceitos e simbologias associadas ao mesmo, resultará na categoria de análise a desenvolver no capítulo acerca da Cristianização.

Quanto aos modelos de representatividade associados a Santa Maria Madalena Paulo Pereira (2004) considera que a Virgem é o “avatar derradeiro da Deusa-Mãe”⁷ pelo fato de haverem três representações da mesma na obra. A primeira reprodução encontra-se no painel de azulejos que encima o arco de volta perfeito da sua entrada; a segunda no frontal de altar em azulejos e a terceira na imaginária que existe do seu culto onde a santa se encontra em posição sedente por cima de um bloco de calcário. Para o autor as representatividades aqui descritas são marcos das propriedades da sua “tríplica função ou condição triádica ou lunar”⁸.

Na obra *História da evolução religiosa no concelho de Rio Maior* de 2011, Lúcia Jorge, menciona um excerto do Padre Manoel da Sylva e Reis das *Memórias Paroquiais*, onde intrigado demonstra admiração pelo monumento, sentimento partilhado pela população externa à localidade que antigamente lhe fazia romarias:

⁶ Conf. http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3905.

⁷ PEREIRA, Paulo *Enigmas, Lugares Mágicos de Portugal: Arquitectura Sagrada*, Mem Martins, Círculo de Leitores, 2004, p. 22.

⁸ PEREIRA, Paulo, *op.cit.*, p. 22.

“Ultimamente a capella de Santa Maria Magdalena, que já as[s]imã fica dita estar no lado direito da igreja co[m] arego della hé para admirar a sua factura pois não foi artificial porquanto as paredes são pedra ou laiges muito grossas e altas como profundas, sem haver noticia algũa de como esta obra foy feita. Huns dizem ser obra da natureza; outros, couza miriculoza. Tudo pode ser, porem sempre hé couza pasmosa. O tecto hé artificial por ser abobada; o pavimento hé de terra, e sempre que estas pedras se acham húmidas o nixo da Santa hé embrexado. E alguns dizem foi santa de muita romagem. Hoje hé só a gente da terra, como tem susudido [a]thé agora.”⁹

Outro monumento fundamental para o estudo é a anta-capela de S. Dinis ou S. Dionísio em Pavia localizada no concelho de Mora, Distrito de Évora. Originalmente um monumento megalítico de utilização funerária, remonta a um período estipulado para o megalitismo eborense, datável entre o IV e III milénio a.C.. A sua cristianização terá ocorrido no século XVII. Conforme a primeira referência documentada¹⁰ (1625) deste templo por parte de Leite de Vasconcelos, o autor descreve-o com propriedade:

“(…) se vê hoje huã lapa feita por natureza, e aperfeiçoada por arte, que he ermida de Sam Denis, santo que uenera muito aquelle povo pelas grandes m(ercê)s que delle alcança principalmente nos enfermos de maleitas: há tradição entre os naturaes que naquela coua apparecera huã imagem do santo (…)”¹¹

Leite de Vasconcelos¹² recolheu diversos artefactos em expedições arqueológicas, como machados e placas de xisto que ficaram patentes numa exposição na Escola Politécnica e mais tarde foram transferidos para o Museu Etnológico, hoje Museu Nacional de Arqueologia em Belém. Foram realizados contatos ao seu Diretor António Carvalho, no sentido de aferir o espólio mencionado e confirmar a existência e localização das peças provenientes da anta. A resposta surgiu com a negação da

⁹ JORGE, Lúcia *História da evolução religiosa no concelho de Rio Maior*, Cit. João Cosme e José Varandas, “Alcobertas, 1758, Abril, 20”, *Memórias Paroquiais [1758-1759]*, Vol. I, Lisboa, Caleidoscópio, 2009-2010, p. 94.

¹⁰ A primeira referência remonta ao ano de 1625, por Manuel Severim de Faria, Chantre da Catedral de Évora, citada por Leite de Vasconcelos na obra: ESPANCA, Túlio *Inventário Artístico de Portugal: distrito de Évora*, Lisboa, Academia Nacional de Belas Artes, 1975, p. 441.

¹¹ VASCONCELOS, José Leite de “Anta de Pavia.” *O Archeologo Português*, Lisboa, 1914, p. 376 in ROCHA, Leonor, *Povoamento Megalítico de Pavia. Contributo para o conhecimento da pré-história regional*, Câmara Municipal de Mora, 1998, p. 17.

¹² A data desta menção na sua obra “O Archeologo Português”, era o conservador do Museu de Etnologia de Lisboa, tendo inventariado mais de 80 monumentos na região.

possibilidade em decifrar o paradeiro das peças, visto não existir um inventário fidedigno que auxilie a investigação. Os objetos estarão muito provavelmente dispersos pelo museu e perdidos uma vez que as nomeações acerca das suas proveniências são inexistentes ou noutros casos os lugares de exposição deram espaço ao depósito de reserva.

Na anta-capela de Nossa Senhora do Livramento em São Brissos há uma clara reatência do povo para a Mãe Natureza enquanto sua obreira, fato comumente associado a quase todos os exemplares em estudo. Com uma execução não atribuível à origem humana, fica nítida a intromissão de uma realidade superior que lhe confere um carácter místico transversal. Contudo uma vez que o ser humano partilha do seu universo identitário, social e cultural, o seu interesse ao longo da história manteve-se por gerações e os pontos de encontro entre o terreno e o espiritual conservaram-se.

Enquanto a cientificidade acerca do objeto não ocupava espaço em séculos anteriores, a sua génese enquanto entidade monumental foi palco de expressões culturais, onde as formas de relação das pessoas eram diariamente colocadas consciente ou inconscientemente como testemunho no legado deste território. A cultura popular, em especial a tradição oral, revelam diferentes topónimos sobre o tema, no qual a obra *Lugar e Memória. Testemunhos megalíticos do passado*, de 2001, da autoria de Catarina Oliveira cita:

“eram as casas dos mouros”¹³; “essa casa dos mouros com as pedras ao alto e outra em cima”¹⁴; “aquilo era por força de homens que havia nesse tempo”¹⁵; “os menires são coisas da natureza. A terra vai descendo com a água e a pedra vai aparecendo. Ninguém lá os pôs, as pedras nascem”¹⁶.

O povo enquanto desconhecedor do seu verdadeiro significado e utilitarismo procurou justificar suas criações com a força física humana juntamente com o plano da fé que lhes conferiu propriedades simbólicas.

¹³ OLIVEIRA, Catarina, *Lugar e Memória. Testemunhos megalíticos e Leituras do Passado*, Lisboa, Edições Colibri, 2001, p. 51.

¹⁴ OLIVEIRA, Catarina *op. cit.*, p. 51.

¹⁵ OLIVEIRA, Catarina, *op. cit.*, p. 53.

¹⁶ OLIVEIRA, Catarina, *op. cit.*, p. 53.

Em escavações apurou-se que o monumento fora constituído por um corredor aberto a nascente¹⁷ e uma entrada também já identificada, na qual subsistem fragmentos de ruínas passíveis de serem verificáveis com uma nova expedição. A mamoa pétrea ou chapéu é o que cobre esta reminiscência da herança megalítica que se destaca no centro arquitetónico da vila, conferindo-lhe formas curvilíneas que contrastam com o típico português alentejano das casas rasteiras brancas, pintadas com faixas amarelas no rodapé e em torno das fenestranças.

Retrocedendo à primeira expedição arqueológica a cargo de Virgílio Correia, a obra *El Neolítico de Pavia* (1921), começa por fazer referência ao concelho de Mora e à subdivisão de três paróquias distintas nele contidas:

“En el extremo Norte del distrito de Évora (Alentejo central), frente a los Concejos de Coruche (pertenciente al distrito de Santarem) y Ponte de Sôr y Aviz (éstos ya del distrito de Portalegre), se halla enclavado el Concejo de Moura, pequeña división administrativa constituída por las três parroquias de Moura, Cabeção y Pavía.”¹⁸

Nery Delgado e Carlos Ribeiro terão idênticamente realizado trabalhos em Pavia nos anos 30 do século XX¹⁹. Já as escavações de Manuel Heleno no centro-Alentejo abarcaram alguns monumentos localizados a sudoeste de Pavia, sem que não tivesse ocorrido uma publicação sobre o tema²⁰.

O monumento atravessa contemporaneamente uma fase negligente por parte das entidades locais²¹ e apesar da valorização do imóvel estar patente na proteção que lhe advém do estatuto de Monumento Nacional, conferido pelo Decreto de 16-06-1919, Dg nº 136 de 23 de Junho 1910, classifica-o como grau 1²². No recheio interior está um

¹⁷ Identificação arqueológica levada a cabo pela Dr.^a Leonor Rocha mais a sua equipa, que identificaram a entrada primitiva e o corredor de acesso, como forma de estudar as diferentes funcionalidades que o monumento foi adquirido até aos dias de hoje.

¹⁸ CORREIA, Virgílio, *El Neolítico de Pavía*, Madrid, Museo Nacional de Ciencias, 1921, p. 7.

¹⁹ ROCHA, Leonor, in *Povoamento Megalítico de Pavia. Contributo para o conhecimento da pré-história regional* disponível em: <http://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/2236>, Évora, C.M.M., 1998, p. 19.

²⁰ ROCHA, Leonor, *op. cit.*, p. 18.

²¹ Com o enfraquecimento do culto cristão, deixado à margem com o decorrer dos tempos, as pessoas da vila, que ainda são devotas, tentam preservar ao máximo a sua integridade. E ainda é possível buscar a chave da portada da capela ao proprietário do “Café Dolmen”, localizado defronte para o largo, na Rua de São Diniz.

²² Grau 1 diz respeito ao grau de preservação que o monumento merece. Constituí assim um “imóvel ou conjunto com valor excepcional, cujas características deverão ser integralmente preservadas. Incluem-se neste grupo, com exceções, os objectos edificados classificados como Monumento Nacional.” Disponível em: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2726.

frontal de azulejos em estado mediano de conservação, o que não havendo uma campanha de restauro que o preserve, resultará no desfragmentar deste painel. Outro testemunho do século XVIII, relativo às *Memórias Paroquiais*, qualifica a vila de Pavia de “antiquíssima villa de Pavia, a qual he tradição dera titulo de villa o Senhor Rey Dom Deniz...”, associando o nome da anta-capela ao Rei que lhe concedeu foral, Dom Dinis, pelo que não existem dados suficientes que comprovem este facto. O que a página oficial da Câmara Municipal de Mora demonstra é que o seu nome foi dado como uma forma de homenagear o Rei por este ter dado o primeiro foral a Pavia em 1287²³. Acerca da distribuição das ermidas e da outra nomenclatura atribuída ao monumento, a Direção Geral do Património elucida em sua página:

“Estam dentro da villa as ermidas de S. Sebastiam, e S. Dionizio, e fora da villa e de Santo Antonio, S. Gens e S. Miguel, toda filiaes, e sufragâneas e Matriz(...)”²⁴,”

O excerto é da autoria do Reitor Joam Evangelista da Veyga que se refere a um culto a S. Dionísio. Túlio Espanca aborda na sua obra²⁵ de 1975, o inventário artístico que realizou no Distrito de Évora à anta-capela, fazendo-o acompanhar por um desenho rigoroso de alçado em escala e respetiva planta. Com esta reflexão sumária baseada em diversas fontes, infere-se a partir daqui que o monumento nunca teria sido deixado completamente à margem por parte de interessados, investigadores e de agentes locais.

Analisando as características tipológicas, a sua planta é poligonal e de grandes dimensões, com sete esteios *in situ* que encerram o espaço da sepultura megalítica. Existe um alçado fora acrescentado²⁶ no século XVII a poente, do qual se abre uma porta em arco, cuja cornija mais um frontão discretos evidenciam-se, estando estes encimados por uma cruz. Um pequeno campanário hoje sem sino pontua a arquitetura no lado norte, obedecendo aos princípios arquitetónicos vernaculares portugueses. No interior, os espaços entre os esteios estão preenchidos por alvenaria e parte da cobertura primitiva foi substituída por fortes argamassas. O piso é lajeado e na zona ao fundo está

²³ Consultado in Câmara Municipal de Mora a 12 de Outubro de 2018:

<http://www.cm-mora.pt/pt/site-visitar/pavia-malarranha/Paginas/descricao-historica.aspx>.

²⁴ Consultado in Direção Geral do Património Cultural a 10 de Outubro de 2016: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70422>.

²⁵ ESPANCA, Túlio *Inventário Artístico de Portugal: distrito de Évora, concelhos de Arraiolos, Estremoz, Montemor-o-Novo, Mora e Vendas Novas*, Lisboa, Academia Nacional de Belas Artes, 1975.

²⁶ OLIVEIRA, Jorge de, *Antas-capelas e capelas junto a antas no território português*, Lisboa, Edições Colibri, 1997, p. 9.

presente um frontal de azulejos barroco com uma iconografia típica da época oitocentista, de motivos vegetalistas e anjos que encimam e ladeiam uma representação de São Diniz ou São Dionísio como é conhecido popularmente, ou segundo Paulo Pereira²⁷, seria São Malaquias.

Diferentemente do caso da anta-capela de São Dinis que aponta para uma cristianização que pretendeu homenagear um Rei do seu tempo e que não deixa de ser uma figura protetora para o povo, a anta-capela de São Fausto no Torrão detém um historial hierofânico como é norma nos casos apresentados.

Os registos de aparições verificados nos elementos em estudo são perfeitamente ilustrados como no caso da anta-capela do Torrão hoje em ruína, onde São Fausto foi avistado por um pastor na área que cercava as envoltórias do espaço. Pelo facto do episódio ter-se repercutido mais vezes, a cristianização da anta do Torrão foi realizada. Para que o santo tivesse a sua própria habitação, em jeito de homenagem ergueu-se no seu interior um altar para que o mesmo servisse além da imaginária, os fiéis devotos.

De conteúdo semelhante a anta-capela de Senhora do Monte em Penedono, passou pelo mesmo processo. A obra mais importante para o seu estudo data de 2005 com o título *A Necrópole Megalítica da Senhora do Monte*, de Pedro Manuel Sobral de Carvalho. O investigador revela na obra as três principais escavações realizadas ao monumento (1991, 1992 e 1993). Como perfazimento destas expedições, encontraram-se materiais referentes a “cerâmica recente, medieval, telhas e algum material proto-histórico”.²⁸ Também “foi identificado um nível de pedras que corresponderá ao fecho do tumulus”.²⁹ Do espólio recolhido e encontrado em escavações, estão metais, vidros e objetos de adorno. Refere que a primeira visita ao local ocorreu em Agosto de 1988 e o estado do monumento “era então absolutamente caótico, indigno de um Monumento Nacional”.³⁰

“Após uma observação do sítio, apercebemo-nos de que o corredor do dólmen estava em parte subterrado e continuava para o exterior da capela, no sentido Este. Nessa altura, verificámos o carácter precário e instável de algumas pedras da capela. Impunha-se uma árdua tarefa que implicava não só o estudo dos monumentos

²⁷ PEREIRA, Paulo, *op.cit.*, p. 22.

²⁸ CARVALHO, Pedro Manuel Sobral de, *A necrópole megalítica da Senhora do Monte. Um espaço sagrado pré-histórico na Beira Alta*, Viseu, Centro de Estudos pré-históricos da Beira Alta, 2005, p. 41.

²⁹ CARVALHO, Pedro Manuel Sobral de, *op.cit.*, p. 49.

³⁰ CARVALHO, Pedro Manuel Sobral de, *op.cit.*, p. 36.

sobrepostos, como também o seu restauro e/ou conservação das estruturas existentes e a respectiva musealização do sítio”.³¹

Novamente é possível reconhecer as marcas de um passado longo de pré-existências que ao ser reapropriado, aglomera em si o poder da entidade que estes templos deixaram como marca social. Acerca de resquícios de artefactos de carácter cristão, a estes não se tem referência, estando o monumento ao abandono. Aqui estão as bases lançadas para um estudo que promete contribuições originais no campo científico.

³¹ CARVALHO, Pedro Manuel Sobral de, *op.cit.*, p. 36.

3. AS ANTAS-CAPELAS EM PORTUGAL

3.1. DEFINIÇÃO DE ANTA/DÓLMEN

Antes de facultar uma definição de anta ou dólmen, é imprescindível um conteúdo reflexivo acerca da conceção de megalitismo, obedecendo a uma desenvoltura que alcance um propósito de maior profundidade sobre esta questão central. As sepulturas megalíticas são marcos cruciais para o discernimento do Período Neolítico e no presente permanecem como veículos de questionamentos em relação às suas finalidades, gerando controvérsias entre os especialistas. Estas estruturas intrigam o ser humano, pelo que a incúria que surgiu nalguns casos provocada por danos legítimos causados, e mesmo a realização de determinadas escavações permitiram a destruição de todo o universo material que elas abarcavam pela carência de uma metodologia científica capaz de trazer reflexões e processos adequados a este âmbito. Tais antecedentes fraturantes resultam do desconhecimento acerca do período em causa, o que há medida que o distanciamento temporal se faz notar, vai-se constituindo cada vez mais difícil prova viva. Acrescentando ao fator do conhecimento geral ser pouco sensível a estas questões e a inconsciência ainda habitar no cerne do senso comum, perderam-se preciosas informações e significados que estas monumentalidades poderiam remeter enquanto marcos físicos de uma realidade ancestral.

Desde os que partiam para a exploração sem licenciamento próprio, destacam-se aqueles que abraçavam a aventura desvendando lendários tesouros, ou aqueles que a cobro da cientificidade nada mais contribuíram do que para entulhar os expositores de museus, sem que ao menos fosse feito um inventário rigoroso que averiguasse a proveniência de tais artefactos. Tanto podemos referir aqui arqueólogos que pela natureza do seu tempo não detinham uma metodologia de salvaguarda, como anónimos que partiam para o desconhecido. Sem o conhecimento teórico, análise científica e laboratorial, estes objetos de nada poderiam revelar aquando das suas leituras arqueológicas e históricas, evidenciando demasiados momentos de penumbra, uma vez que as ligações histórico-interpretativas para um discurso reflexivo coerente sofreram ruturas principais. É escassa a informação científica de hoje que comprove o real significado destas obras, sobretudo no que alude aos motivos da sua área de implementação com relação ao espaço habitacional, o sistema de organização espacial, a organização destes espaços tumulares, as fundamentações para as variantes

morfológicas destas estruturas e outros quesitos que se relacionam com questionamentos de relação entre o lugar, a memória e o Homem enquanto corpo coabitante com o seu tempo.

Se muitas contendas têm vindo ao debate, existem três questões fundamentais que prendem a atenção dos estudiosos: uma primeira relacionada com as origens, uma segunda que relacione as formas de desenvolvimento e uma terceira que remete para os períodos cronológicos em pesquisa. O conhecimento sobre o megalitismo português tem ocorrido de maneira gradual o que satisfatoriamente tem implicado numa evolução. Quanto maior se constata ser o recuo temporal do megálito, menos teorias estão abarcadas no seu estudo e como tal a ação em recorrer a obras escritas que enumerem os monumentos apresenta-se através de registos empíricos ou de lendas populares que enriquecem singularmente uma tradição oral que cumpre um papel de interligação de diferentes áreas multidisciplinares.

Ainda que os propósitos desses contos orais possam abarcar pontos em comum entre si, conseguiram chegar até ao séc. XXI como um invólucro de mistérios acerca destas estruturas que num plano de mente coletiva, espalhados por pontos longínquos do planeta, manifestou-se como um fenómeno global quando os meios de transporte não estariam sequer desenvolvidos. O marco construtivo destas obras apresenta-se transversal, seguindo modelos criativos muito semelhantes. Que intenções teriam estes povos em terem abraçado um modelo construtivo idêntico? Será que suas funcionalidades transcendiam a de monumentos fúnebres? Questões que embora simples, constituem um quebra-cabeças que ainda não foi solucionado.

Tentando encontrar uma definição que melhor caiba para aclarar o conceito de anta ou dólmen optou-se pela seguinte citação:

“Monumento megalítico que consiste numa lájea, de ordinário muito larga, descansando sobre outra, quase sempre duas, bastante elevadas acima do solo onde estão enterradas as suas bases. À pedra horizontal dá-se o nome de *mesa*; às verticalmente colocadas o de esteios.

Se o monumento só consta de três pedras, chama-se *linlhaven*, derivado de duas palavras celtas que querem dizer *mesa de pedra*, ou *trilhita*, derivado do grego, três pedras. A anta é descoberta ou revestida duma capa de terra, e nesse caso recebe o nome de *mamoas* ou *mamunhas*, pelos quais é conhecida na Galiza e no norte do reino.”

Muitas das antas que hoje se encontram, aparecem descobertas, o que vários arqueólogos atribuem a escavações ou quaisquer outros acidentes, visto serem quase todos de opinião que eram primitivamente cobertas. Anta é vocábulo propriamente português, derivado pelos antigos dicionaristas de *antão* ou caminho, e geralmente definida desta forma:

"Arcas antigas de pedra espalhadas pelos caminhos como marcos ou balizas".³²

As definições atribuídas são diversas e o modo de as nomear também. Para cada região existem nomes diferenciados e no caso de Portugal para além das terminologias de "anta" e dólmen", emprega-se a expressão "arca". Este termo encontra-se largamente espalhado pela Beira, assim como a variante "orca" que está associada a uma forma fechada e de contentor que o dólmen oferece, como as arcas que fazem parte do enxoval das casas beirãs. Assim como a arca que tudo contém e integra, o próprio nome torna-se favorável para a carga simbólica que ele mesmo remete, lugar onde muitas conclusões estão por desvendar não só no que concerne à sua origem, como às funcionalidades. De forma simplista e acordando com vários arqueólogos, os constituintes de uma anta são: esteios, mamoa e/ou corredor. Com a existência destes três elementos, coexistem diferentes tipologias, morfologias e tamanhos de antas ou dólmens.

3.2 DIVERSAS FUNCIONALIDADES ATRIBUIDAS NO MEGALITISMO (PERÍODO NEOLÍTICO)

Antes de uma averiguação digna que compreenda as funcionalidades destes monumentos megalíticos, é fulcral abranger os diversos estudos científicos que ocorreram e suas respetivas metodologias, bem como de todo o imaginário tradicional dos povos locais que também lhes atribuíram funcionalidades, ampliando todo o entendimento sobre esta matéria.

Até à década de 80 do século XX era inexistente em Portugal um conjunto de especialistas reconhecidos que estudassem o fenómeno e a par disso, uma consciência pública que enaltecesse a importância deste património era suprimida. Martinho de

³² PEREIRA, João Manuel Esteves, RODRIGUES, Guilherme, *Portugal- Dicionário Histórico, Corográfico, Heráldico, Biográfico, Bibliográfico, Numismático e Artístico, Volume I*, Edição em papel 1904-1915 João Romano Torres – Editor. Edição Electrónica 2000-2012 Manuel Amaral, pg. 595.

Mendonça e Pina no séc. XIX expuseram a primeira dissertação sobre as antas. Esta centúria acompanhou um processo de diferentes teses difusionistas sobre a origem do megalitismo com Pereira da Costa a elaborar o ensaio *Descrição de Alguns Dolmens ou Antas de Portugal*, de 1868, uma de entre outras dissertações que trouxeram novas perspetivas na época sobre os primórdios desta expressão em Portugal e na Península Ibérica.

Num contexto mundial os primeiros estudos pré-científicos elaborados principiaram os começos do séc. XVIII surgindo nomes notáveis da esfera intelectual arqueológica e histórica como Robien, Legrand d'Aussy e James Douglas ³³ que encetaram a divulgação dos seus trabalhos. Determinadas teses surgiram confrontando as origens ocidentais em contraponto com uma origem oriental, passando por propostas que adjudicam ao megalitismo uma origem mediterrânica ou mesmo a uma origem múltipla na Europa Ocidental, defendida por Renfrew. Nomes como Gordon Childe, defenderam numa primeira fase a origem micénica do megalitismo europeu e numa segunda fase uma origem nas sepulturas cretenses.

Glyn Daniel foi o nome que mais se debruçou sobre a origem mediterrânica defendendo uma colonização megalítica da Europa a partir do Mediterrâneo em 1941, findando posteriormente em 1973, que afinal nunca existiu nenhuma colonização megalítica. Outras figuras como H. N. Savory apuraram que numa primeira fase, a difusão dos megálitos deu-se a partir do Oriente e num estágio secundário que os rituais de enterramento coletivos disseminaram-se a partir das atuais regiões da Síria/Palestina.

Pela dimensão planetária do fenómeno outorgar-se a prática de enterramento dos mortos em diferentes continentes como uma realidade em diversas etapas históricas. O fenómeno insere-se tanto pelos monumentos em si que aportam estas realidades, como pelos cultos e prescrições mágico-religiosas nos interiores que foram sido desvendados. Segundo Catarina de Oliveira em *Lugar e Memória: testemunhos megalíticos e leituras passadas*, sintetiza-se o megalitismo português no seguinte excerto:

“...o megalitismo no território português deve ser compreendido no contexto de práticas funerárias de enterramento coletivo nas sociedades do 4º e 3º. Milénios a.C. Acompanha a expansão territorial do povoamento neolítico e o desenvolvimento da agricultura e pastorícia. São estruturas, como a etimologia indica, construídas a partir de

³³ OLIVEIRA, Jorge de *Evolução das Teses sobre a Origem das Sepulturas Megalíticas na Europa Ocidental*, Universidade de Évora, Departamento de História e Arqueologia, Évora, 1988, p.7.

grandes blocos de pedra, que parecem corresponder ao padrão emergente nas sociedades agro-pastoris primitivas. Com a fixação à terra e monumentalização da paisagem, evidencia-se a cultura em contraposição à natureza, o *Nós* em contraposição ao *Outro*.”

34

A autora faz uma adesão à tese do desenvolvimento expansionista e territorial destas estruturas a partir da evolução que estes povos tinham para com a fixação à terra.

Os diferentes megálitos até hoje encontrados agrupam-se em dois agregados distintos: o primeiro relacionado com os enterramentos coletivos onde se inserem os dolmens ou antas, englobando também os *tholoi* ³⁵, sendo aqui considerados os enterramentos em grutas artificiais que se assemelham pela cronologia, forma, função e conteúdo interno achado. O segundo conjunto contempla aos monumentos não funerários como os menires, que se designam como pedras verticais, podendo estar isoladas ou agrupadas através de alinhamentos que podem delimitar recintos circulares, denominados como cromeleques. Os menires estão geralmente relacionados com a fecundidade respeitantes ao aspeto lunar, ou parecem ser marcos de território construídos no 5º milénio, algo consensual pela comunidade arqueológica.

É destacável para a verosimilhança das antas, a sua equiparação com a fisicalidade da gruta, elementos alegóricos construídas pela mão humana. Se pelo meio da prática são consideradas grutas artificiais, questiona-se se estas poderiam ter sido erguidas de forma premeditada, copiando as grutas naturais que notoriamente serviam igualmente de locais de sepulcro. Numa lógica incontornável, os entes queridos sob uma estrutura côncava estavam mais próximos deles de forma a reaproximarem-se para a realização do culto fúnebre. Certos estudos neste âmbito das grutas naturais foram levados a cabo, por Rui Boaventura em *As antas e o megalitismo da região de Lisboa*.

36

³⁴ OLIVEIRA, Catarina, *op.cit.*, p. 51.

³⁵ Nome que provém do plural de “tholos” e que é na arquitetura grega uma construção em forma circular. Também se denomina de “tholos” a certas construções funerárias de planta circular como os usados na cultura micénica. Na época neolítica pode designar uma casa circular neolítica.

³⁶ BOAVENTURA, Rui, *As antas e o megalitismo da região de Lisboa*, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Tese de Doutoramento), 2010. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/587>.

OLIVEIRA, Catarina, *op.cit.*, p. 51.

As orientações das antas culminam numa entrada que se executa permanentemente do lado este, numa analogia com o começo construtivo das igrejas católicas em que o altar-mor surgia voltado para esta mesma direção (nascente).

Sem ainda se ter conseguido decifrar estas orientações monumentais, há uma clara relação simbólica com o nascer do astro rei que é senão a representatividade da vitalidade, trazendo os primeiros raios solares matinais que iluminam (a fonte vital), remetendo para a ideologia de renascimento. Se a abertura fosse virada à sua extremidade oposta a oeste (poente), o significado com o fim do ciclo e da vida estaria à porta com o culminar do fim de tudo, traduzidos estes conceitos nesta simbiótica de cenários representativos. Perpetuam assim os conceitos de imortalidade do espírito e a renovação da vida ao alcance da civilização, ainda que tratados por um ponto de vista pagão numa prematura abordagem. A imortalidade é aliás uma temática transversal em todos os momentos da história.

Infere-se a partir desta conclusão que os defuntos receberiam os primeiros raios solares trazendo o “nascimento” e a “vida” ao renovar que dali provinha numa dimensão de renovação geracional e de infinidade que seria diariamente relembrada.

4. PRÉ-EXISTÊNCIAS ATRIBUÍDAS (ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA)

Todas as antas-capelas aportam historiais de utilizações prévios que remontam a fases antes mesmo de estas terem sido convertidas em capelas. Com naturezas pré-históricas que principiam o seu tempo construtivo, abarcam um legado memorial no seu território por serem matrizes descodificadoras de sabedoria regional geoestratégica trazendo campo à arqueologia, ao estudo do seu território e à paisagem que redefine historicamente as responsabilidades de modelagem do ser humano para com ela. No que concerne à cristianização, as relações eminentes com os surgimentos hierofânicos em que o ato de manifestação do sagrado opõe-se ao mundo profano, começam por se diferenciar do pensamento pagão por manifestar o impossível, a diferença e o milagreiro, escapando o olhar à rotina e à realidade daquilo que melhor se dominava.

Importa descortinar primeiramente, o historial de utilizações prévias destes monumentos até à contemporaneidade, numa tentativa de encontrar elos de ligação que os alistem para uma melhor analogia semântica. Ocorreram aparições de personagens do mundo profano (ainda por santificar) junto a estes conjuntos, ditando na maioria dos casos à construção das ermidas, o que reportaria num peso evidente de significados para o mundo cristão que os iria reconhecer *à posteriori*. Novas releituras à religiosidade vigente foram uma ordem.

Quanto aos locais de implantação foram subjugados a escolhas especiais, obedecendo a critérios restritos para os povos. Ao selecionarem os lugares de morada eterna como sepultamento de seus entes-queridos, escolheriam zonas especiais no território para que pudessem ser prestadas homenagens por parte das gerações vindouras. Os recursos oferecidos pelas zonas de implantação ou o seu posicionamento geográfico em relação aos povoados são características ainda por desvendar sobre este assunto.

4.1 HISTORIAL DE UTILIZAÇÕES PRÉVIAS DA IDADE DA PEDRA À CONTEMPORANEIDADE

ALCOBERTAS (SANTA MARIA MADALENA)

Alcobertas designa o nome de uma pequena freguesia situada no concelho de Rio Maior pertencente ao distrito de Santarém. O seu nome “Alcobertas” tem origem árabe sendo que os vocábulos «alcobe» ou «alcoble» significam “pequena torre” ou “torrinha” no seu diminutivo.

Antes dos seus habitantes terem sido cristianizados eram detentores de uma profunda religiosidade na sua matriz, praticando cultos e venerando os antepassados através de evidências em cultos pagãos encontrados pela zona, pelo que tais eventos estão associados advertidamente ao monumento em estudo. Uma vez que o isolamento da pequena vila pontuava com as condições de vida árduas, os cultos tinham conotações acentuadas e deixaram a sua marca como está patente na gruta natural (*vide* FOTOGRAFIA 1), denominada de Gruta de Nossa Senhora da Luz (*vide* FOTOGRAFIA 2), localizada numa das encostas da Serra dos Candeeiros que serviu como sepulcro de mortos destacando-se ainda no seu interior um conjunto significativo de espólio funerário associado. Esta díade de marcos sagrados que sugere ao local um passado de historial de utilizações prévias aglomerou diferentes peregrinações por parte das populações limítrofes, tal como sugerem vários autores. Embora tenham sido caídas em desuso, haverá um único lugar que persistirá na reminiscência temporal, onde a anta-capela de Santa Maria Madalena que une uma simbiose de manifestações religiosas, manter-se-á como lugar de culto até aos dias de hoje.

Com o advento do cristianismo na região, foram constantes os conflitos entre o clero e as comunidades locais que a par do culto cristão, mantinham as práticas religiosas pagãs. O processo natural que viria a esclarecer a transitoriedade para o cristianismo atribuiu coesão no cerne da religiosidade local.

A Santa Igreja Católica contrariou solenemente esta prática pagã vista com maus olhos através da excomunhão e da desmistificação dos caracteres pagãos, sendo aqui englobadas pedras consideradas sagradas e artefactos simbólicos que faziam alusão a ritos passados. O procedimento era comumente realizado e numa tentativa de não se chocarem suscetibilidades, apoiaram-se no sincretismo como arma de continuidade expressiva religiosa em detrimento para com o paganismo, a antítese do religioso. Elena

Muñiz Grijalvo elucida na sua obra *Cristianizacion de la religiosidad pagana* como aconteceram estes sincretismos de modo ténue e aceitável:

“Pocas veces encontramos elementos que pervivan inalterados: lo más frecuente era que el cristianismo se opusiera radicalmente a cierto tipo de práctica y generase una alternativa, o que transformara la apariencia de una costumbre o una idea pagana hasta hacerla totalmente irreconocible y, por tanto, aceptable a ojos de un cristiano³⁷”.

Não bastava contrapor a ideia através de novos conteúdos teológicos ou práticas litúrgicas condenatórias. O reprocesso de assimilação passava por gerar uma alternativa entre as duas correntes religiosas, transformado a aparente ideia de um costume que seria repulsivo, até torná-la aceitável perante as vigências católicas. Interessava criar pontos de diálogo e quebrar com as dicotomias, oferecendo uma nova visão cristianizada sobre os conteúdos pagãos.

A construção da igreja matriz das Alcobertas que hoje se encontra adjacente ao monumento megalítico pré-existente obedeceu a uma proposta de reaproveitamento da sua estrutura como capela lateral em meados dos sécs. XVII/XVIII³⁸, passando o corpo da nave principal a discorrer transversalmente. Remeteu-se a capela a um espaço secundário que ainda assim pode receber os fiéis ao seu culto num lugar restrito de homenagem. No seu interior está a imaginária de Stª Maria Madalena de frente para o seu corredor de acesso também neolítico e uma variedade de azulejos pintados com programas iconográficos acerca da vida da santa traduzidos num frontal de altar e um conjunto azulejar que antecede a entrada do espaço.

O concelho de Rio Maior desfruta de um historial abundante em artefactos religiosos, como Lúcia Jorge (uma autora oriunda do concelho) confirma no seu trabalho de dissertação de mestrado:

³⁷ MUÑIZ GRIJALVO, Elena, *La Cristianización de la Religiosidad Pagana*, Madrid, Editorial Actas, 2008, p. 10.

³⁸ Como será descortinado no decorrer do trabalho, primeiramente a anta-capela teria servido de capela e altar-mor. Informação em: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3905.

“Pôde-se verificar que no concelho de Rio Maior existem vestígios de cultos religiosos desde o período do Neolítico e que, ao longo da sua história, houve uma sobreposição de religiões na área do município ocorrendo situações de sincretismo”³⁹.

Esta memória monumental é nos tempos que correm um ex-libris regional e encontra-se representada no seu brasão de armas de freguesia criado no séc. XX. Na composição uma imagem estilizada da anta-capela surge na zona inferior com uma cor azulada em destaque, numa representatividade fidedigna aos dias de hoje, onde está clara a distinção da pré-existência neolítica no corpo inferior, pontuado pelo acabamento da capela em telhado, encimado por uma cruz. A fronteira conceptual e representativa do pré e pós cristianismo está fortemente demarcada nesta alegoria.

Na página oficial da freguesia de Alcobertas, encontra-se a transcrição oficial do brasão, dada nos termos da lei nº 53/91 de 7 de Agosto pela Comissão da Associação dos Arqueólogos Portugueses a 6 de Maio de 1996 num parecer emitido sobre a heráldica do brasão ⁴⁰(*vide* FOTOGRAFIA 3) onde se faz referência ao dólmen:

«Escudo de prata, um dolmen de azul rematado por cruz do mesmo e acompanhado, em chefe, à dextra, de um vaso de perfume, de verde e, à sinistra, de uma cabeça de gralha de negro, bicada e animada de vermelho.»

«Coroa mural de prata de três torres.»

«Listel branco, com a legenda a negro, a maiúsculas: "ALCOBERTAS"»⁴¹

É aconselhável um desenvolvimento maior local do ponto de vista turístico com a abertura de rotas que contemplem a anta-capela assim como o debruçar sobre os problemas de conservação e de restauro que já começam a necessitar. Note-se que é um dos dez maiores⁴² monumentos megalíticos da Península Ibérica, e na sua composição estão sete esteios originais que definem uma câmara poligonal (*vide* FOTOGRAFIA 4). O corredor formado por dois esteios está parcialmente coberto pelas tampas originais que restaram, formando a passagem do corredor de acesso que liga à nave da igreja.

³⁹ JORGE, Lúcia, *História da evolução religiosa no concelho de Rio Maior*, Dissertação de Mestrado em Estudos Regionais e Autárquicos, Lisboa, 2001, p. 3. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/6973>.

⁴⁰ Informação disponível em: <http://www.jf-alcobertas.pt/heraldica.html>.

⁴¹ Extraído no site da freguesia das Alcobertas, disponível em: <http://jf-alcobertas.pt/heraldica.aspx>

⁴² Informação extraída no site do SIPA, disponível em: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3905.

As pedras construtivas *in situ* (vide FOTOGRAFIA 5), contém fósseis e outras marcas que indiciam eventual origem humana. A obscuridade que se nota ao entrar dentro do espaço relembra o cenário de uma caverna e o formato ovoide irregular fechado potencia a sua propriedade acústica.

O telhado de quatro águas que forra o topo no seu exterior (vide FOTOGRAFIA 6) foi construído aquando da época da sua cristianização apontada para o século XVII isto porque coincide com a datação dos azulejos que pelas suas características pictóricas apontam para este século. Uma vez que o reapropriar para a funcionalidade deste monumento foi aceite pela religião católica, impunha-se uma necessidade programática artística, optando por representatividades pouco convencionais da patrona.

Retomando às origens datáveis da igreja principal apontada para o séc. XVI, mais precisamente no dia 4 de Julho de 1536, a igreja elevou-se à primeira da freguesia com jurisdição paroquial, através de uma carta do Arcebispo de Lisboa⁴³.

Este episódio não colocou à margem a anta-capela que agora assume a posição de capela lateral, o que outrora assumia-se como capela e altar-mor.

“(…) - dá-se a rotação da igreja para a posição actual, deixando o dolmen de funcionar como capela e altar mor, passando a ser uma capela lateral”⁴⁴

A dita igreja matriz de Alcobertas é composta por um alpendre assente sobre tripla arcada em estilo clássico com os dois pilares centrais em pedra. Na fachada e por cima do telhado da arcada, uma janela em formato retangular faz ligação para o coro. Nesse coro existe uma janela sobre a qual num nicho observa-se uma imagem simples em pedra que é apontada como sendo a imagem primitiva do templo. Gustavo de Matos Sequeira na sua obra *Inventário Artístico de Portugal: Distrito de Santarém* descreve a estatuária:

“(…) uma escultura de pedra, do fim do século XV ou princípio do XVI, de cabeça volumosa e com um fruto na mão”.⁴⁵

⁴³ Informação disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/72743>.

⁴⁴ Informação disponível em: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3905.

⁴⁵ SEQUEIRA, Gustavo de Matos, *Inventário Artístico de Portugal: distrito de Santarém*, Lisboa, Academia Nacional de Belas Artes, 1949, p. 56.

A torre sineira destaca-se do lado esquerdo da fachada (*vide* FOTOGRAFIA 10), e um telhado em forma piramidal eleva-se a uma altura que demarca o ponto mais alto do templo. À direita no canto da cimalha encontra-se um relógio de Sol do século XVIII.

O interior é de nave única (*vide* FOTOGRAFIA 11), teto em madeira e a cabeceira é escalonada por 3 capelas. Uma pia batismal “lavrada nas faces da taça, com albarradas, pouco mais do que gravadas, e um pé curto e bem proporcionado, tem interesse. A de água benta, de tipo quinhentista, embora deteriorada, é uma peça de mérito.”⁴⁶

Para o advento de cobrir as funcionalidades da anta-capela que agora foi cristianizada, efetuaram-se obras de recuperação quando ela ainda servia de capela e altar-mor, sendo os esteios da anta preenchidos e unidos por alvenaria (argamassas ou cimento) para fechar o recinto da capela e protegê-lo das intempéries externas, prolongando a sua altura máxima aos atuais 5 metros. Colocou-se um retábulo junto ao esteio do fundo e este aparenta um aspeto vetusto em relação ao retábulo precedente em azulejos. Foram encontradas pinturas a fresco no tampo em madeira do altar (*vide* FOTOGRAFIA 7 e 8), com representações figurativas que lembram formas vegetalistas em cores verdes e castanhas. Por cima da tampa retabular uma rocha de grandes dimensões encosta-se ao esteio primitivo, onde surge Maria Madalena sedente (*vide* FOTOGRAFIA 9).

O seu acesso efetua-se por meio de um arco de volta perfeita encimado por um painel de azulejos do século XVII (*vide* FOTOGRAFIA 12), com a santa representada enquanto pecadora a rezar aos pés de Cristo.

De entre as descrições mais antigas da anta-capela de Santa Maria Madalena em Alcobertas, saliento a que foi produzida em 1747 pelo Padre Luís Cardozo (Dicionário Geográfico) na obra *Antas-capelas e antas junto a capelas no território português*:

"Antes de esta Igreja o ser era huma pequena Ermidinha, mal composta, e tosca, cujas paredes se firmavão sobre humas pedras grandes que alli creou a natureza, e entre ellas se edificou a pobre Ermidinha, e alli collocarão, para ser venerada, huma Imagem de Santa Maria Madalena, e esta foy a primeira Igreja, que teve esta freguesia, a qual

⁴⁶ SEQUEIRA, Gustavo de Matos, *op.cit.*, p. 56.

foi instituída por huma Carta de licença do Senhor D. Afonso Cardeal do Titulo de S.Braz, Arcebispo de Lisboa, pasada em quatro de Julho de 1536, que está no Cartório da Igreja de Alcanede; depois vendo os freguezes, que lhe era necessário mayor Igreja, a fizeram no mesmo lugar, deixando ficar esta Ermidinha aberta com hum arco na mesma igreja no meio da parede da parte do Evangelho, e ficou a nova igreja com a mesma invocação de Santa Maria Madalena". ⁴⁷

Como se constata pela leitura do excerto acima transcrito, o padre não menciona o monumento como uma anta, apesar de referir a existência de “humas pedras grandes” ao qual foi a natureza a sua obreira “que alli as creou”, revelando o desconhecimento arqueológico na época. O excerto é revelador de que o culto na pequena ermida tinha uma ampla penetração na memória religiosa local.

Nos contos populares surge a narrativa de que o dólmen foi construído pela própria santa que trouxe as pedras para a sua edificação da serra mais próxima, denominada de Serra da Luz, transportando-as a partir de lá. Esta serra possui uma gruta com o mesmo nome despertando a curiosidade para uma relação destes locais com o monumento pela ótica dos cultos que os relacionam. Sem dúvida estamos perante fenómenos hierofânicos que tiveram origens recuadas no tempo sustentando assim a tese que os interrelacionam. O reconhecimento sagrado deste espaço é portanto remoto.

Em busca de respostas mais místicas sobre o tema, Paulo Pereira considera na sua obra *Enigmas: Lugares Mágicos de Portugal. Architecturas Sagradas* que a virgem é o “avatar derradeiro da Deusa-Mãe” ⁴⁸ pela sua representatividade tríplice neste monumento, remetendo para as três representações da santa na anta-capela: painel de azulejos que encima o arco de volta perfeito da sua entrada; frontal de altar em azulejos e estátua do seu culto em pedra.

PAVIA (SÃO DINIS OU SÃO DIONÍSIO)

A anta-capela de São Dinis ou São Dionísio no concelho de Pavia detém simbolismos e uma história fascinante para o seu estudo. Originalmente com sete esteios *in situ* e com mamoa original ainda evidente (*vide* FOTOGRAFIA 13), remonta

⁴⁷ OLIVEIRA, Jorge de, *op.cit.*, p. 16.

⁴⁸ PEREIRA, Paulo, *op.cit.*, p.22

a um período datável entre o IV e III milénio a.C.⁴⁹ com um processo de cristianização ocorrido no séc. XVII⁵⁰. Na sua fachada principal, uma porta abre-se em arco com uma cornija simples que suporta um frontão encimado com uma cruz (*vide* FOTOGRAFIA 14). O seu acesso faz-se por três degraus, sendo estes indícios que aquando das obras por parte da Igreja houve uma elevação em relação à cota do terreno para dar acesso à câmara da nave de planta circular. O monumento está inserido numa praça designada com o próprio nome da ermida (*vide* FOTOGRAFIA 15).

A primeira referência sobre o templo⁵¹ é da autoria de Manuel Severim da Faria (1625) e surge citado num texto de Leite de Vasconcelos a propósito do que se sabia à data:

“(…) se vê hoje huã lapa feita por natureza, e aperfeiçoada por arte, que he ermida de Sam Denis, santo que uenera muito aquelle povo pelas grandes m(ercê)s que delle alcança principalmente nos enfermos de maleitas: há tradição entre os naturaes que naquela coua apparecera huã imagem do santo (…)”⁵²

Não é de estranhar que seja comumente relatado que determinada imagem do santo surgiu e aqui com um atrativo particular por ser D. Dinis o sexto rei português que o povo acredita proteger daqueles que sofrem de doenças.

Aquando da campanha arqueológica no séc. XVII apor Leite de Vasconcelos, detetou e recolheu machados no seu interior e ainda descobriu uma “imagem do santo”⁵³ que tudo aponta que se trate de uma placa de xisto ou de um ídolo de calcário.

Pereira da Costa realizou⁵⁴ nos finais do século XIX uma coleção de materiais oriundos de uma anta de Pavia em que contemplavam alguns machados e placas de xisto, pelo que a proveniência do monumento é uma incógnita e ainda não se apurou se terá sido desta. Sabe-se que a coleção teria passado pela Escola Politécnica e também pelo Museu Etnológico.

⁴⁹ Informação disponível em: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2726

⁵⁰ Data confirmada na obra de Jorge de Oliveira “Antas-capelas e capelas junto a antas no território português”, p. 9 como também no site:

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2726.

⁵¹ ESPANCA, Túlio, *op. cit.*, p.441.

⁵² VASCONCELOS, José Leite de, “Anta de Pavia.” *O Archeologo Português*, Lisboa, 1914, p. 376 in ROCHA, Leonor *Povoamento Megalítico de Pavia. Contributo para o conhecimento da pré-história regional*, Câmara Municipal de Mora, 1998, p. 17.

⁵³ ROCHA, Leonor, *op. cit.*, p. 17.

⁵⁴ ROCHA, Leonor, *op. cit.*, p. 17.

Apesar dos contatos realizados a António Carvalho Diretor do Museu Nacional de Arqueologia e antigo Museu Etnológico, não se confirmaram nem localizaram com exatidão as peças provenientes da anta, uma vez que um inventário que auxilie esta investigação é inexistente.

Sobre a sua conceção estamos perante referências que sugerem uma forte ligação com a obra da natureza, ou seja o seu surgimento por meios naturais e ao acaso. Lendo o capítulo sobre este tema na obra *Lugar e Memória: Testemunhos Megalíticos e Leituras do Passado* de Catarina Oliveira, a autora com os depoimentos que recolhe, afigura-se que as funções vulgares atribuídas às antas são de habitação, abrigo temporário ou de refúgio. Quanto à sua origem, registam-se diversas “teorias”, nomeadamente de que as antas foram construídas por homens com força sobrenatural ou que as mesmas nasceram no terreno e brotaram da terra quando a água foi desaparecendo. Este padrão informativo acompanha todos os lugares onde existem antas e memórias do lugar e a cultura popular e sua tradição oral revelam diferentes topónimos sobre o tema:

“Eram as casas dos mouros”⁵⁵; “essa casa dos mouros com as pedras ao alto e outra em cima”⁵⁶; “aquilo era por força de homens que havia nesse tempo”⁵⁷; “os menires são coisas da natureza. A terra vai descendo com a água e a pedra vai aparecendo. Ninguém lá os pôs, as pedras nascem”⁵⁸.

Constituindo uma sinalética paisagística e centralizadora para Pavia, o desenvolvimento da pequena vila teve o seu começo a partir desse ponto centralizador.

Com a sua primeira expedição já antes mencionada à responsabilidade de Virgílio Correia, seguiram-se Nery Delgado, Carlos Ribeiro e Manuel Heleno.

Nos dias de hoje o monumento caiu no esquecimento e com o enfraquecimento do culto cristão por parte das novas gerações, as pessoas da vila que ainda são devotas tentam preservar ao máximo a sua integridade e ainda é possível buscar a chave da capela ao proprietário do *Café Dolmen* que se encontra de frente ao largo que se encontra à frente do monumento.

⁵⁵ Cita um inquirido da região, a propósito das antas, presente na obra de *Lugar e Memória. Testemunhos megalíticos e Leituras do Passado*, de Catarina Oliveira, 2001, p. 51.

⁵⁶ OLIVEIRA, Catarina, *op. cit.*, p. 51.

⁵⁷ OLIVEIRA, Catarina, *op. cit.*, p. 53.

⁵⁸ OLIVEIRA, Catarina, *op. cit.*, p. 53.

No seu recheio um frontal de azulejos do séc. XVIII numa policromia típica em azul e branco deu aso a uma esclarecedora descrição por Túlio Espanca:

“Curioso é o frontal de altar, de azulejos monocromos (azul e branco), do tipo oficial lisbonense, talvez dos Bernardes e do 1º terço do século XVIII, único elemento ornamental existente no recinto. Compõe-se de pano imitando brocado, com barras flóricas e meninos cavalgando volutas; centro de querubins barrocos, envolvendo tabela de espelho octogonal decorado por minúscula paisagem campestre, com jovem pastor guardando cabras. Mede: alt. 100 x 1,50 m.”⁵⁹

Este painel cerâmico substituiu em 1930 um retábulo primitivo do padroeiro:

“(…) mural grosseira e populista, com características de 1600. A figura mitrada e de manto, segurava na mão esquerda o báculo apoiado no livro da doutrina, e erguia a direita segundo ritual: era pintura de encáustica, com domínio do vermelho e ocre.”⁶⁰

No que concerne à sua caracterização tipológica vernacular a demarcar sobre a pré-existência megalítica, a anta apresenta uma planta poligonal de grandes dimensões, com sete esteios *in situ* que encerram o espaço. O alçado só acrescentado⁶¹ no século XVII a poente abre uma porta em arco e uma cornija mais um frontão encimados por uma cruz. Um pequeno campanário hoje sem sino pontua a arquitetura no lado norte e no seu interior os espaços entre os esteios foram preenchidos por alvenaria e parte da cobertura primitiva foi substituída por fortes argamassas. O seu piso é lajeado e ao fundo encontra-se um o altar-mor que apresenta o frontal de azulejos barroco já referenciado e cuja sua descrição surgirá com maior detalhe no capítulo referente às formas de expressão artística. Além das suposições que apontam para a representação de São Dinis ou São Dionísio tal como é conhecido popularmente, Paulo Pereira⁶² refere que é São Malaquias, um santo cujo nome é uma derivação de *maleak/mikael* hebraico e que significa “a manifestação de Deus”.

⁵⁹ ESPANCA, Túlio, *op. cit.*, p. 442.

⁶⁰ ESPANCA, Túlio *op. cit.*, p. 441.

⁶¹ OLIVEIRA, Jorge de, *op. cit.*, 1997, p. 9.

⁶² PEREIRA, Paulo, *Enigmas. Lugares mágicos de Portugal. Arquitecturas Sagradas*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2004, p. 22.

ANTA-CAPELA DE NOSSA SENHORA DO LIVRAMENTO/SÃO BRISSOS (SÃO TIAGO DO ESCOURAL)

A anta de Nossa Senhora do Livramento ou São Brissos (*vide* FOTOGRAFIA 17) pertence à freguesia de São Tiago do Escoural, antes designada de freguesia de São Brissos pela sua extinção⁶³ em meados do século XX e foi indexada à primeira, sendo o seu orago São Brissos. A sua cristianização deu-se no (*vide* FOTOGRAFIA 18) séc. XVII⁶⁴.

As *Memórias Paroquiais* continuam a fornecer preciosas informações acerca da existência no séc. XVIII da ermida, expressas no texto de inquérito que o Pároco Francisco Martíns Lobatto responde:

“Há no distrito desta freguesia huma Ermida com o título da Senhora do Livramento, hé sufragania desta Parochial Igreja de Sam Brissos, e o ornato della pertence a família dos Gyroins assistentes na cidade de Evora; por serem Senhores da chave da dita Capella. Não acode a ella romagem; ainda que consta que no antigo tempo a havia pella grande devossam que tinham com a mesma senhora.”⁶⁵

Este texto permite saber que em 1758 a família dos “Gyroins” era proprietária da capela, além de mencionar o apreço e devoção pela virgem que a população tinha.

Pelo lado exterior da sua estrutura observa-se na aparência das paredes o caiado a branco contendo uma faixa azul pintada (que outrora fora vermelha⁶⁶) a servir de rodapé até à altura de um metro. Cinco esteios formam a totalidade da constituição do monumento na parte da pré-existência neolítica com um deles encontrando-se tombado junto à entrada (*vide* FOTOGRAFIA 19). Este esteio foi retirado do seu local de origem para abrir a entrada atual do monumento segundo o Professor Jorge Oliveira, uma vez que surgiu a preocupação em dividir por fases as atividades construtivas, separando o espaço megalítico que surge primeiro, do espaço religioso. Existe uma marca que comprova esta tese e que se encontra na reentrância observada no interior que separa a

⁶³ Informação retirada do Arquivo Distrital de Évora presente no site: <http://digitalq.adevr.dgarq.gov.pt/details?id=996677>.

⁶⁴ OLIVEIRA, Jorge de *op. cit.*, p. 12.

⁶⁵ Texto extraído das “Memórias Paroquiais” disponíveis online no site: <http://www.portugal1758.uevora.pt/index.php/lista-memorias/67-montemor-o-novo/1964-montemor-o-novo-sao-brissos>.

⁶⁶ Como afirma o autor na obra: OLIVEIRA, Jorge de, *op. cit.*, p. 13.

antecâmara acrescentada a partir da câmara megalítica, dando indícios que o esteio fazia parte natural da estrutura (*vide* FOTOGRAFIA 20). Esta antecâmara primitiva que se apresenta logo à entrada, pretendia demarcar claramente outra fase construtiva humana como se de um preparo para a entrada num outro período pré-histórico moderno se tratasse. O autor Jorge Oliveira escreveu breves palavras acerca da entrada do monumento:

“A soleira, em mármore, ainda mostra sinais dos gonzos férreos. Sobre esta porta regista-se, ainda, uma cornija de alvenaria, encimada por um pequeno nicho, parcialmente coberto pelo chapéu da anta”.⁶⁷

A descrição relata como foi construída a entrada desta anta-capela numa fusão de materiais construtivos recentes com as pedras neolíticas, pontuando uma nova expressão arquitetónica de reutilização.

O culto que lhe é prestado é a Nossa Senhora do Livramento e a população mais antiga da localidade ainda guarda memórias das romarias até lá. A sua cobertura tem como remate um telhado constituído por telha *mourisca*⁶⁸ (*vide* FOTOGRAFIA 21) e uma cruz de ferro no alto. O seu acesso original equipara-se às outras antas-capelas estando virada a nascente⁶⁹.

No seu interior do lado norte um altar com uma imagem central em *roca*⁷⁰ de Nossa Senhora do Livramento encontra-se protegida por um vidro (*vide* FOTOGRAFIA 22), contendo cabeça e mãos em madeira policromada. No altar lateral direito está uma imagem de Nossa Senhora de Fátima (*vide* FOTOGRAFIA 23) e do lado esquerdo uma de Sto. António (*vide* FOTOGRAFIA 24). Ulterior informação sobre estas imagens se dará no capítulo dedicado ao recheio artístico.

⁶⁷ OLIVEIRA, Jorge de, *op. cit.*, p. 12.

⁶⁸ OLIVEIRA, Jorge de, *op. cit.*, p. 12.

⁶⁹ OLIVEIRA, Jorge de, *op. cit.*, p. 13.

⁷⁰ OLIVEIRA, Jorge de, *op. cit.*, p. 12.

S. BENTO DO MATO (AZARUJA)

A anta-capela de S. Bento ⁷¹ do Mato é um caso raro⁷² de apropriação para a construção da Igreja de S. Bento do Mato (*vide* FOTOGRAFIA 25). A sua origem construtiva remonta ao séc. XVII⁷³, tendo sofrido diversos acrescentos no século XVIII. A mamoa da anta-capela voltada a poente (*vide* FOTOGRAFIA 26) serviu de altar a um primitivo templo cristão de dimensões mais reduzidas, anterior à construção da igreja. A partir do séc. XVII o altar-mor foi desviado, ficando embutidos dentro da parede os esteios e a mamoa, hoje ainda posicionados originalmente. Subsistem vestígios do altar primitivo, sobre o chapéu da anta no compartimento que se abre do lado do Evangelho, no local da sacristia (*vide* FOTOGRAFIA 27).

Arqueologicamente subjazem sinais de um corredor num perímetro circunscrito para lá da área envolvente da igreja, entrando mesmo dentro de uma propriedade privada. O comprimento deste corredor é de aproximadamente cinco metros e no final do mesmo um bloco de pedra pertence também à anta (*vide* FOTOGRAFIA 28).

A igreja possui planta retangular com nave única (*vide* FOTOGRAFIA 29), abside, coro alto (*vide* FOTOGRAFIA 30) e uma pia batismal (*vide* FOTOGRAFIA 31). A cobertura faz-se através de uma abóbada de berço de meio canhão. Dois altares laterais encontram-se em cada uma das laterais do altar-mor estando esventrados, assim como os três altares laterais em cada uma das naves. Na parede do lado da epístola consta um revestimento de azulejos padronizados azuis e brancos (*vide* FOTOGRAFIA 32). Foi considerada Imóvel de Interesse Público ⁷⁴ a 18 de Julho de 1957.

Nas *Memórias Paroquiais* de 1758, Cura Braz Mendes Varregoso descreve o que outrora se encontrava no recheio desta igreja:

“7. Ao sétimo que o Orago da igreja he o Patriarca S. Bento. He esta de huma só nave. Tem sette altares, três na frente ou cabeça, e dous por cada lado no corpo da igreja; no do meyo da frente, que hé o altar mor está a imagem do Orago, que he de madeira em vulto. Nos dous collaterais da mesma frente, no do lado do Evangelho está

⁷¹ Segundo o site: <http://www.evora.net/jfazaruja/>, “O seu nome parece estar ligado à devoção popular de S. Bento. Segundo a tradição, este santo era um protector das pestes, mordeduras de víboras e lacraus que existiam com abundância neste local”.

⁷² Possui uma tipologia específica, que mais tarde será aprofundada no trabalho.

⁷³ Jorge de OLIVEIRA; Panagiotis SARANTPOULOS e Carmen BALESTEROS, *op. cit.*, p. 18.

⁷⁴ Informação disponível no site monumentos.pt, disponível em: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3947.

a Imagem de Nossa Senhora do Rozário, no do lado da Epístola a Imagem de Nossa Senhora da Encarnação; os dous que no corpo da Igreja estão do lado do Evangelho são hum de S. Braz, Bispo e Mártir, outro do Arcanjo S. Miguel; os do lado da Epístola são hum de Santo Amaro Abbade, outro de Santo Agostinho Bispo, e Doutor da Igreja. Há nella duas Confrarias, huma do Rozário outra das Almas.”⁷⁵

Através deste testemunho documentado, pode-se ter noção das imagens desaparecidas que estariam nos altares do templo estando explanados no capítulo do Estado da Questão, podendo também aferir-se a existência de duas confrarias na igreja: uma do Rosário e outra das Almas. Na parede da nave encontra-se um fresco de S. Cristóvão que será abordado mais adiante.

O estado de degradação atual da igreja é acentuado pois esta, para além de ter sofrido furtos, encontra-se abandonada sem qualquer imaginária, talha ou azulejaria de referência intacta e ao que tudo indica vai recebendo algumas visitas por parte de quem utiliza o cemitério ao lado (*vide* FOTOGRAFIA 33).

TORRÃO (SÃO FAUSTO)

A anta-capela do Torrão desafortunadamente entrou para o leque de antas em ruínas neste país e é impossível recolher dados *in situ* do seu estado atual devido a encontrar-se dentro de uma propriedade privada e completamente entulhada pelas pedras primitivas que desabaram.

Segundo relatos de um pastor citado na obra de Jorge Oliveira em análise no estudo, descreve a hierofania associada ao monumento:

“...um pastor do Torrão que na anta já nesse tempo muito partida, apareceu a um moiral a imagem de São Fausto a quem ele começou a rezar”⁷⁶

A história mais uma vez repete-se com a vivência desta hierofania a fazer parte de um único indivíduo numa primeira instância, um pastor que ali passeava o seu rebanho que partilhou esse acontecimento com os populares da região e sua vizinhança.

⁷⁵ Transcrição das Memórias Paroquiais – S. Bento do Mato, disponível em: <http://www.portugal1758.uevora.pt/index.php/lista-memorias/52-evora/1304-evora-sao-bento-do-mato>.

⁷⁶ OLIVEIRA, Jorge de, *op. cit.*, p. 23.

Como forma de homenagem a São Fausto, o povo construiu uma capela a dezenas de metros a poente do lugar da aparição para sua veneração, com uma imagem do santo a ser colocada num altar. Na manhã seguinte à inauguração do prematuro templo, conta-se que a imagem teria desaparecido sem deixar rasto e não passou muito tempo até ela ressurgir dentro da capelinha, episódio repetido por várias ocasiões – a imagem vinha sempre parar ao seu lugar de origem.

A povoação do Torrão em gesto de reconhecimento entendeu que seria a vontade de Deus venerá-la no seu interior tendo surgido naquele momento o nome que denominou a anta-capela de São Fausto. De modo a eternizar a hierofania os populares acordaram a construção de um nicho sobre o monumento para expor a imagem em dias de celebração. Nos restantes dias do ano em que não convergiam celebrações a imagem era abrigada sob a mamoa deste monumento. A narrativa aqui ilustrada consta na obra *Antas-capelas e capelas junto a antas no território português*, de Jorge de Oliveira, Panagiotis Sarantopoulos e Carmen Balesteros.

Correia de Campos, outro autor, considera que a capela onde a imagem de S. Fausto recusou fixar-se seja um oratório islâmico ao qual foi adicionada a ermida de S. Fausto:

“É possível que antes de ter sido adaptado a templo cristão, o aumento da população levasse a adicionar ao oratório uma pequena mesquita, de que não se encontram vestígios. Somos levados a formular a hipótese por muito próximo existir uma anta ou dólmen, e sobre a sua cobertura ou tecto se encontrar restos duma pequena construção que, dada a sua exígua superfície, conjecturamos fosse a almenara ou torre do chamamento à oração do templo islâmico desaparecido”.⁷⁷

Também Leite de Vasconcelos explorou arqueologicamente este monumento, tendo levado a cabo várias campanhas que resultaram num achado de vestígios alusivos a várias épocas prévias.

⁷⁷ Citação de Correia de Campos inserida na obra: OLIVEIRA, Jorge de, *op.cit.*, p. 24.

PENEDONO (NOSSA SENHORA DO MONTE)

A anta-capela de Nossa Senhora do Monte encontra-se atualmente num estado de pré-ruína e em risco de colapsar. Possui uma câmara poligonal que remonta à época megalítica e cuja mesma serviu de capela-mor (*vide* FOTOGRAFIA 34). Deste património subsistem três esteios completos bem como a mamoa onde “sobre o seu extremo exterior se desenvolvia o muro da cabeceira da capela”⁷⁸.

No corredor megalítico que se desenvolve para o exterior da mesma permaneceram quatro esteios a norte e três esteios a sul. Outro esteio está hoje na posição horizontal sobre o corredor que dá acesso à entrada da câmara (*vide* FOTOGRAFIA 35). A anta-capela foi elevada a Monumento Nacional a 5 de Dezembro de 1961⁷⁹.

O esteio da cabeceira foi usado para aproveitamento para lajear parte do espaço religioso e foi utilizada pedra miúda⁸⁰ para fechar a extensão entre os esteios sem o uso de argamassa.

Ainda subsiste uma parte do corredor da anta que se desenrola para nascente e a cobertura da câmara parece ter sido cortada para ficar paralela a essa mesma parede (*vide* FOTOGRAFIA 36). Esta ideia é bem ilustrada por uma lenda regional narrada por um habitante da serra:

“(...) a pedra grande que cobre o altar foi ali trazida às costas de uma burrinha guiada por Nossa Senhora. A alguma distância da capela, segundo ele, ainda poderiam ser vistas as pegadas que o piedoso animal deixara sobre as pedras por onde ia passando quando carregava com tão grande peso. Contou-nos, ainda, que nas imediações da anta se guardam os restos mortais de um rei de Inglaterra.”⁸¹

No ano de 1915 a Junta de Freguesia de Penedono mandou retirar o telhado que a cobria, fato que levou à aceleração da degradação pela exposição às condições climáticas adversas. Efeito semelhante averiguou-se na imagem⁸² de Nossa Senhora

⁷⁸ Disponível em: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3691.

⁷⁹ Informação disponível em: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3691.

⁸⁰ OLIVEIRA, Jorge de, *op. cit.*, p. 21.

⁸¹ OLIVEIRA, Jorge de, *op. cit.*, p. 22.

⁸² Citação de Agostinho Campos Ferreira em “*A Anta da Capela da Senhora do Monte*”, 1985, p. 51 presente na obra OLIVEIRA, Jorge de, *op. cit.*, 1997, p. 21.

do Monte que estava guardada até 1985 na Capela do Mártir de S. Sebastião em Penela da Beira.

4.2 EXPEDIÇÕES ARQUEOLÓGICAS REALIZADAS

ALCOBERTAS (SANTA MARIA MADALENA)

A primeira escavação arqueológica registada na anta-capela de Santa Maria Madalena na freguesia das Alcobertas data de 1889. Nesta os Serviços Geológicos procederam à exploração e ao reconhecimento da gruta sem que se tenha procedido a uma escavação metódica.

No ano de 1936 ocorreram escavações efetuadas por Manuel Heleno, contudo não se sabe ao certo o que este encontrou de notável na anta, nem se recolheram materiais a ela pertencentes.

Cinco anos mais tarde, em 1987, sabe-se igualmente que foram efetuados trabalhos de arqueologia, no entanto desconhece-se quem foi o autor dessa expedição arqueológica, quem participou e o que recolheram.

PAVIA (SÃO DIONÍSIO OU SÃO DINIS)

A anta-capela de Pavia foi alvo de algumas campanhas de escavação, uma das quais conduzidas por Vergílio Correia no início do séc. XX que identificou vários compartimentos funerários pré-históricos sob a calçada da capela.

Segundo relata na sua obra, o aparecimento de fragmentos de cerâmica pré-histórica e pedaços de machados demonstram que alguém já teria escavado naquela área e refere as situações de destruição no terreno uma vez que muitos objetos estavam despedaçados. Uma urna foi achada possuindo a altura aproximada de quarenta centímetros e no seu interior continha uma placa de ardósia e ao fundo um machado inteiro. Foram encontrados catorze⁸³ pedaços de placas diferentes durante a escavação, algumas delas com desenhos ornamentais e outras com orifícios denotando uma grande riqueza de espólio. Ainda no processo a cargo de Virgílio Correia duas placas foram achadas intactas, escapando ao processo de deterioração. A primeira de tipo vulgar e negra com um formato trapezoidal e a segunda com um formato de trapézio alargado.

⁸³ CORREIA, Vergílio, *op. cit.*, p.29.

Já no séc. XXI a Dr.^a Leonor Rocha comandou uma expedição arqueológica visando identificar a entrada primitiva e o corredor de acesso à anta, por forma a atribuir uma datação absoluta ao monumento, como forma de se tentar conhecer as diferentes funcionalidades levadas a cabo até ao presente.

A autora e professora descreveu que a sondagem que se pretendia realizar na área do corredor deste monumento estava condicionada pela presença de edificações a sul, este e a norte. Ao remover a calçada, encontrou fragmentos de cerâmica e restos de alcatrão, pelo que quanto mais perto da zona da anta operava, mais cerâmicas (telhas recentes, asas fitas, cerâmica de toda⁸⁴) existiam. A oeste deparou com outros fragmentos cerâmicos (faianças, vidros, etc.) assim como alguns ossos de animais, etc.

Junto a uma área de afloramento rochoso foi identificada uma camada com alguns objetos e um substrato rochoso que teria sido eventualmente cortado com uma orientação parecia ser a do corredor, tendo-se confirmado que correspondia a “restos de alvéolos de dois esteios do corredor⁸⁵”.

Para a arqueóloga o fato de terem sido encontrados inúmeros materiais desde as camadas superiores, é incompatível com a ideia de que houve uma violação geral na câmara da anta. Por outro lado, confirma-se que houve uma destruição de modo deliberado do corredor e a respetiva remoção do espólio que ali existia. Os esteios foram removidos para adquirirem uma utilidade construtiva de casas ou para isolamento da própria câmara, aquando da sua cristianização⁸⁶.

NOSSA SENHORA DO LIVRAMENTO (SÃO TIAGO DO ESCOURAL)

Indícios que comprovem a existência de alguma pesquisa realizada ou expedição arqueológica que esteja documentada para esta anta-capela são nulos. Tudo indica que a ermida de Nossa Senhora do Livramento até à data não foi devidamente explorada como as outras. Somente as perceções com o professor Jorge Oliveira subsistem juntamente com esta pesquisa que será desenvolvida ao longo do trabalho.

⁸⁴ ROCHA, Leonor, *A anta capela de Pavia (Pavia, Mora): novos dados sobre o megalitismo desta área*, p. 240.

⁸⁵ ROCHA, Leonor, *A anta capela de Pavia (Pavia, Mora): novos dados sobre o megalitismo desta área*, p. 240.

⁸⁶ ROCHA, Leonor, *A anta capela de Pavia (Pavia, Mora): novos dados sobre o megalitismo desta área*, p. 241.

SÃO BENTO DO MATO (AZARUJA)

Os primeiros arqueólogos a efetuarem uma expedição ao monumento foram Abel Viana e Dias de Deus⁸⁷ a elaborarem uma pesquisa superficial nos inícios dos anos cinquenta do séc. XX. Nesta campanha foram encontrados um fragmento de placa de xisto com decoração geométrica, quatro pontas de seta e um fragmento de cerâmica decorada com mamilos junto ao bordo.

Igualmente Jorge de Oliveira, Panagiotis Sarantopoulos e Carmen Balesteros no âmbito da pesquisa para elaboração da obra *Antas-capelas e antas junto a capelas no território português*, identificaram um *habitat* pré-histórico nas imediações, com vestígios de fortificação.

SÃO FAUSTO (TORRÃO)

A primeira visita à anta-capela foi concretizada pelo arqueólogo Leite de Vasconcelos em 1895. O autor relata a presença de um templo cristão a poucos metros da anta:

“...há as ruínas de um templo, onde li a data de 1645.”⁸⁸

A segunda expedição ocorreu por volta de 1970 por Correia de Campos, referindo-se então à anta-capela como um antigo oratório árabe, na qual foi adicionada posteriormente à ermida de São Fausto, tal como é expresso na sua obra:

“É possível que antes de ter sido adaptado a templo cristão, o aumento da população levasse a adicionar ao oratório uma pequena mesquita, de que não se encontram vestígios. Somos levados a formular a hipótese por muito próximo existir uma anta ou dólmen, e sobre a sua cobertura ou tecto se encontrar restos duma pequena construção que, dada a sua exígua superfície, conjecturamos fosse a almenara ou torre do chamamento à oração do templo islâmico desaparecido”.⁸⁹

⁸⁷ OLIVEIRA, Jorge de, *op. cit.*, p. 18.

⁸⁸ OLIVEIRA, Jorge de, *op. cit.*, p. 24.

⁸⁹ OLIVEIRA, Jorge de, *op. cit.*, p. 24.

Nesta visita de campo de Correia de Campos foram encontradas marcas pré-históricas bem patentes em blocos de pedras com covinhas, bem como “fragmentos de *tegulae* e de tijoleiras romanas” num moinho localizado a cem metros na direção poente do monumento.

A presença árabe⁹⁰ é clara pela existência de vestígios de cerâmicas meladas com decoração a manganês, dispostas um pouco à volta da anta. Durante a Idade Média, procedeu-se à construção de uma estrutura com formato oval por cima da mamoa da anta que envolvia originalmente a estrutura. Toda a investigação levada a cabo pelos autores supracitados resultou numa conjectura citada por Jorge de Oliveira:

“dois troços de muro, com cerca de um metro de altura, separados no lado nascente, parece ter sido provocada quando, intencionalmente, fracturaram parte do chapéu do monumento”.⁹¹

A equipa de autores averiguou a fratura do esteio da cabeceira e no seu interior a existência de resto de argamassa e tijolo, que poderão estar relacionados com a estrutura onde estaria em cima a imagem de São Fausto. No corredor regista-se a existência de fragmentos de esteios e a englobar todo o monumento está uma estrutura de formato oval em pedra com um comprimento máximo de dez metros e seis metros de largura. Encontrou-se também um moinho de vento⁹² localizado entre a anta-capela e a capela.

A última visita data de 1994 e por essa altura todas as pedras, argamassas e tijolos⁹³ que fortificavam este monumento encontravam-se espalhados em torno da anta, tendo acelerado a sua desintegração.

NOSSA SENHORA DO MONTE (PENEDONO)

Mais uma vez a equipa de investigadores Jorge de Oliveira, Panagiotis Sarantopoulos e Carmen Balesteros em *Antas-capelas e antas junto a capelas no território português*, apuraram que o esteio da cabeceira foi partido⁹⁴ junto ao solo e aproveitado para lajear parte do espaço religioso. Os esteios foram completados com

⁹⁰ OLIVEIRA, Jorge de, *op. cit.*, p. 24.

⁹¹ OLIVEIRA, Jorge de, *op. cit.*, p. 25.

⁹² OLIVEIRA, Jorge de, *op. cit.*, p. 25.

⁹³ OLIVEIRA, Jorge de, *op. cit.*, p. 26.

⁹⁴ OLIVEIRA, Jorge de, *op. cit.*, p. 21.

pedra miúda sem qualquer argamassa e a cobertura da câmara neolítica foi truncada de forma a ficar paralela à parede nascente da capela, na qual da anta ainda são visíveis três esteios completos (*vide* FOTOGRAFIA 37). Á época de 1997, o corredor da mesma mantinha o formato prolongado a nascente sem quaisquer indícios de mamoa (*vide* FOTOGRAFIA 38).

No ano de 2005, Pedro Manuel Sobral de Carvalho realizou uma investigação extensa ao monumento da qual resultou a sua obra, *A necrópole megalítica de Senhora do Monte: um espaço sagrado pré-histórico na Beira Alta*.

Nela constata-se que se realizaram três principais escavações ao longo da história deste monumento (1991, 1992 e 1993) às quais permitiram recolher material referente a: “cerâmica recente, medieval, telhas e algum material proto-histórico”.⁹⁵ “foi identificado um nível de pedras que corresponderá ao fecho do *tumulus*”.⁹⁶

A juntar a este espólio foram encontrados em escavações metais, vasos e objetos de adorno. O mesmo autor refere que a primeira visita ao local para o seu estudo ocorreu em Agosto de 1988 e o estado do monumento “era então absolutamente caótico, indigno de um Monumento Nacional”.⁹⁷ Mais pormenores sobre o estado de conservação e urgente musealização do sítio são também descritos:

“Nessa altura, verificámos o carácter precário e instável de algumas pedras da capela. Impunha-se uma árdua tarefa que implicava não só o estudo dos monumentos sobrepostos, como também o seu restauro e/ou conservação das estruturas existentes e a respectiva musealização do sítio”.⁹⁸

O monumento encontra-se presentemente abandonado.

⁹⁵ CARVALHO, Pedro Manuel Sobral de, *op. cit.*, p. 41.

⁹⁶ CARVALHO, Pedro Manuel Sobral de, *op. cit.*, p. 49.

⁹⁷ CARVALHO, Pedro Manuel Sobral de, *op. cit.*, p. 36.

⁹⁸ CARVALHO, Pedro Manuel Sobral de, *op. cit.*, p. 36.

5.PROCESSOS DE APROPRIAÇÃO

A problemática católica em torno das aparições hierofânicas apresenta ligações incontornáveis com os cultos ancestrais e por conseguinte os processos de apropriação. A resposta aponta para a presença dos povos pré-cristãos no território da Península Ibérica. Antes do catolicismo vingar existiu toda uma religiosidade politeísta com base romana e após ter havido uma conversão oficial do Império Romano ao cristianismo, essas estruturas religiosas em vigência sofreram alterações. Persistia uma dualidade perante os que acreditavam nas divindades romanas e por outro quem as associava à concepção monoteísta cristã. Esta incidência aplicou-se inclusivamente sobre o território das antas-capelas que viveu uma realidade de sincretismo religioso.

Com a propaganda da fé cristã coincidente em espaços temporais surgiu um período conturbado de transformação da Igreja Católica, na qual o Concílio de Trento começou a ditar novas condutas impostas para o catolicismo e que atravessaram áreas diversas, sobretudo a do campo artístico.

Este período ocorreu entre o séc. XVI, XVII e grande parte do século XVIII⁹⁹, coincidindo com as épocas de transformação dos templos megalíticos em estudo. As reformas visavam renovar os ares da igreja com o objetivo de atrair mais fiéis. Como tal, ocorreu uma atenção redobrada ao nível do que podia ser criado no campo da arte. A busca de inspirações às épocas históricas anteriores começou a ganhar destaque, aparecendo programas artísticos adaptados e com um novo acento ideológico.

O impacto deste concílio ao nível da arte teve um seguimento ideológico e programático que veio a dar grandes efeitos até ao século XVIII com a igreja a promover uma iconografia de combate e simultaneamente catequética, seguindo as diretivas tridentinas que foram absorvidas pelo mercado de arte vigente, na qual Vítor Serrão afirma em *Impactos do Concílio de Trento na arte portuguesa entre o maneirismo e o barroco* (1563-1750):

“Apesar de essa nova situação ser cerceadora das liberdades criativas, é certo que também foi estimuladora de um novo espírito de solenidade e eficiência dos

⁹⁹ SERRÃO, Vítor, *Impactos do Concílio de Trento na Arte Portuguesa entre o Maneirismo e o Barroco (1563-1750)*, Lisboa, Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2012, p. 103.

resultados artísticos, acentuando-se uma significativa melhoria nas condições estatutárias dos pintores e demais artistas que trabalharam para o mercado religioso”.¹⁰⁰

Através das novas formas artísticas havia o intuito de provocar no fiel uma forma de correção para com as heresias, pelo que as imagens serviriam de distribuição e propaganda da fé aumentando o número de templos que prestassem culto a Cristo, à Virgem e aos mais variados santos.

Com um enfoque principal na pedagogia ligada ao sentido catequético, essa arte tinha o propósito de relembrar os mistérios da fé cristã e além dos materiais com que são fabricados, tinham a propriedade de “abrir os olhos da alma”,¹⁰¹ levando ao recolhimento e à oração individualizada.

Na reforma tridentina houve uma abertura a novos campos ideológicos, espirituais e simbólicos fundindo-se o saber com a história, a iconografia e a estética que eram incutidos na própria obra de arte para que novos valores fossem renovados. A nova arte de expressão tridentina obedeceu assim a uma “(...) mecânica formal de convenções, desvirtuadora daquela força retórica e renovadora para que os ventos iniciais apontavam que se manifestou através de uma espécie de arte senza tempo (...)”.¹⁰²

No que diz respeito ao património arquitetónico secular da Igreja Católica, registou-se uma valorização da conservação e do sentido mais profundo do cristianismo primitivo, com a arte sacra a constituir uma primeira linha de combate ao protestantismo. Houve uma subordinação do espaço sacro à liturgia, com a necessidade de seduzir as almas.

Remeteu-se aos valores das pré-existências, como é o caso das antas-capelas, e às adaptações pelo seu sentido histórico e devocional desses monumentos carregados de simbolismos e de uma *aura* especial. Essa ideia à luz da época do cardeal e historiador italiano Cesare Baronio foi explicada através deste excerto por Vitor Serrão:

“Com Baronio, a defesa dos “factos históricos” através da compilação da história da Igreja Católica constitui um pólo de interesses articulados, em que se

¹⁰⁰ SERRÃO, Vítor, *Impactos do Concílio de Trento na Arte Portuguesa entre o Maneirismo e o Barroco (1563-1750)*. Atas do Seminário O Concílio de Trento em Portugal e nas suas conquistas: olhares novos, coord. José Pedro Paiva, Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2014, p.104.

¹⁰¹ SERRÃO, Vítor, *op.cit.*, p.105.

¹⁰² SERRÃO, Vítor, *op.cit.*, p.106.

defendia a análise rigorosa das fontes documentais, filologicamente organizadas, integrando nesse estudo as pré-existências arquitetónicas (paleocristãs, românicas e góticas) e seguindo um método de revalorização do património católico em todos os territórios de implantação. As fontes históricas passavam a ser objeto de dupla investigação, filológica e patrimonial, abrindo campo dos arquitetos, escultores, pintores e outros artistas para o cumprimento de uma espécie de arte senza tempo, pontuando o triunfo de Roma e a autoridade absoluta da Igreja Católica.”¹⁰³

Através deste aval, pode averiguar-se a complexidade com que a Igreja pretendia funcionar em todos os campos de atuação mencionados, reforçando os valores antigos que eram baseados em documentos históricos para que desta forma houvesse uma supremacia da instituição e um reforço de entidade por parte do catolicismo.

Constavam também preocupações de preservação e de memória nos locais onde ocorreram manifestações de hierofanias, “assente em avaliações qualitativas das existências e das próprias intervenções recomendadas. É por isso que a cumplicidade territorial e a memória histórica da Igreja se fundem (...)”¹⁰⁴

No que concerne especificamente ao âmbito de Portugal o documento “*De Antiga et Veneranda Species Aedificatione Religiosa in Regni Portucalensis Pro Maxima Causa Christiana*”, que se encontra na Biblioteca Vallicelliana (Roma), traduz as normativas implementadas no nosso território, remetendo para uma valorização dos milagres e santos locais, reforçando não só o sentido de memória como também a tradição e os costumes populares. Para os princípios da arquitetura esta deveria integrar um discurso documental no sentido integrado do monumento apelando ao carácter memorial, reforçando desta forma o peso da antiguidade cristã.

Alguns fatos históricos como a conquista da Península Ibérica aos mouros e o início do povoamento e cristianização do território, eram enaltecidos bem como os programas funcionais urbanos que eram implementados. Aprofundou-se a valorização dos conhecimentos arqueológicos de Portugal para fins religiosos, assim como o restauro de locais de culto. Diversos monumentos foram alvos de estudos, principalmente os que possuíam origens antecedentes às cristãs, demonstrando respeito pelas pré-existências e pelo “papel arqueológico de verificação do terreno”.¹⁰⁵

¹⁰³ SERRÃO, Vítor, *op. cit.*, p.111.

¹⁰⁴ SERRÃO, Vítor, *op. cit.*, p.112.

¹⁰⁵ SERRÃO, Vítor, *op. cit.*, p.112.

Nesta época desenvolveram-se campanhas arqueológicas para se recuperarem vestígios de velhos cultos paleocristãos e para a integração renovadora destes mesmos valores numa nova conjuntura. Na arte sacra eborense, como descreve Vítor Serrão, os santos paleocristãos foram tomados pela seguinte forma:

“(...)novos heróis e tópicos de veneração (São Manços, São Gens, os santos mártires de Évora Vicente, Sabina e Cristeta, São Romão, São Cucufate, São Jordão, Santa Comba, Santa Inonimata, São Brissos, São Torpes, etc.)”¹⁰⁶

A partir da representação antiga destes santos, verifica-se uma hagiografia pouco extensa juntamente com o reformular de novas soluções iconográficas de representação, interligadas na reforma tridentina.

Este período conturbado originou um novo repinte de pinturas e reformulações nas iconografias retratadas de forma a reprimir tudo aquilo que apontasse como um incentivo à feitiçaria ou a outros males anticristãos. Surgiram novas adaptações artísticas aos cânones e algumas obras foram mandadas destruir por gerarem polémica.

¹⁰⁶ SERRÃO, Vítor, *op. cit.*, p.114.

6. TIPOLOGIAS EXISTENTES

6.1 TIPOLOGIAS EXISTENTES EM PORTUGAL

De entre as tipologias de antas-capelas existentes em Portugal, podem detetar-se três principais que serão analisadas neste capítulo. Todas elas são fruto da época em que foi necessário realizar a adaptação e igualmente estão condicionadas pelas necessidades da Igreja Católica ao deparar-se com a anta no seu modo mais primitivo. O processo de cristianização e o modo como foi pensada a sua transformação até hoje, estão guardados numa aura de mistério, pois ainda falta compreender muito, até mesmo acerca da religiosidade e os costumes antropológicos, bem como outros fenómenos complementares. Apenas se pode chegar a alguma conclusão ao analisarem-se as funcionalidades para o culto religioso, iniciado pelas necessidades de preservação do monumento como simbologia de um culto prévio e antigo que guarda uma determinada importância histórica. O principal seria não destruir a maior prova material que o comprova ou seja, a sua pré-existência. A anta como o objeto de maior poder simbólico é aqui preservada e readaptada a novas funcionalidades.

Esta é uma opção que conferiu não só uma preservação do monumento como fez renascer uma nova vida nele. Permitiu também que a sua memória não fosse caída no esquecimento declarado derivado à sua longevidade temporal. Desde as razões mais simples que conferem significado à própria anta como à construção que alberga o templo cristão ou às mais variadas readaptações, todas elas aparentam possuir um carácter singular e merecem um estudo atento.

6.1.1 TIPOLOGIA 1: CAPELA NO INTERIOR DA ANTA

O maior expoente significativo para esta tipologia pode ser observado no caso da anta-capela de São Dinis ou São Dionísio em Pavia, esta enquadrada numa componente tipológica “capela no interior da anta”. Não ocorreram significativas alterações de fundo para poder obter-se este resultado, pelo que parecem ter havido algumas alterações no que concerne à construção arquitetónica em si, ou seja, pequenos apontamentos (feitura dos degraus de acesso, colocação de um portão, campanário). Observa-se contudo a criação de uma antecâmara pequena de acesso, que ocuparia o mesmo espaço de entrada

original. Levantou-se também o chão e claro, colocou-se o marco cristão, uma cruz que colmata o topo do monumento. Foram leves as alterações de fundo e preservou-se o monumento original.

Esta é a tipologia que mais concentra as condições originais do monumento, permitindo que não se tenha acelerado a sua degradação e que fosse assim readaptado a uma nova tipologia cristã, que ainda hoje merece visita aos mais devotos e não deixa por si só de continuar a ser um marco importante para a vila de Pavia.

No nosso país a anta-capela de São Fausto do Torrão pode ser considerado um exemplo enquadrante nesta tipologia. Aproveitou-se a construção primitiva do monumento megalítico para construir a capela, ainda que tenham havido vários acrescentos. Não seria aliás pouco lógico que a alteração não tivesse sido no seu interior, porque pela associação à lenda, a imagem de São Fausto teria aparecido no interior da anta, levando à alteração da sua morada definitiva para lá, sob a mamoa do megálito.

Esta primeira tipologia por ser a mais simples, insere em si uma simbologia muito forte de hierofania e de tipo de construção que pretende preservar as condicionantes originais do monumento, por rever importância na sua condição inicial. Em outros países europeus este fenómeno é pouco frequente e ocorreram em condições muito distintas.

6.1.2 TIPOLOGIA - 2: ANTA EMBUTIDA DENTRO DA PAREDE DO ESPAÇO CRISTÃO

Caso raro de apropriação a presenta tipologia manifesta-se num único exemplar monumental. Aparentemente o altar primitivo localizava-se por cima da mamoa da anta, e daí cresceu então construtivamente a igreja. Uma das explicações mais plausíveis incide acerca da ideia dos arquitetos da igreja de São Bento do Mato em não quererem que o monumento ficasse visível para os fiéis do lado interno, deixando-o de fora para preservação da construção megalítica original.

A anta-capela de São Bento do Mato é um caso raro de uma apropriação de parte de um monumento pré-histórico, numa igreja com origem no séc. XVII. Sofreu diversos acrescentos nos finais do séc. XVIII. A mamoa do antigo monumento pré-histórico, visível a poente, serviu de altar a esta igreja sem do no séc. XVII desviado para que a

cobertura e os esteios da anta ficassem no interior da parede. Ainda hoje subsistem vestígios do primitivo altar-mor do lado do Evangelho.

6.1.3 TIPOLOGIA - 3: ESPAÇO ACRESCENTADO A PARTIR DA ANTA

Anta-Capela de São Brissos

A anta-capela foi cristianizada no séc. XVII com um culto prestado a Nossa Senhora do Livramento que possui acolhimento junto da comunidade local que guarda memória de romarias e histórias populares associadas.

Após a sua cristianização, a anta passou a servir de galilé a um acrescento feito de natureza arquitetónica vernacular. No seu exterior é caiada em branco, contendo uma faixa em azul a servir de rodapé até aproximadamente 1 metro de altura. São 5 os esteios que formam o monumento, sendo que persiste um esteio tombado junto à entrada da anta-capela que foi retirado para se abrir a entrada. Houve uma preocupação nítida de separação do espaço de cariz funerário pré-histórico do espaço religioso através de uma moldura interna que contém marcas de uma prévia separação distinta entre as duas áreas.

A cobertura da capela é feita por cúpula, revestida no exterior por telhas mouriscas e encimada por uma cruz de ferro (vide FOTOGRAFIA 39).

7. CRISTIANIZAÇÃO

A cristianização está claramente emoldurada num paradigma de políticas religiosas tridentinas que vieram a delimitar quadros mentais e culturais e que por longas estâncias geracionais, impulsionaram e influenciaram o seu seguimento. Através das datações estabelecidas para este caso nos monumentos em estudo, predominam o séc. XVII e o séc. XVIII, abrangendo um período transformador e de novos programas no que concerne à forma de interpretar a fé e transmitir a palavra de Deus.

Neste segmento remete-se incontestavelmente para o fato histórico do concílio ecuménico que foi o Concílio de Trento, que contou com a participação de muitas mentalidades do clero europeu, propício ao pensar na época e ao qual no ponto que trata *Da invocação, veneração e relíquias dos santos e das sagradas imagens* relativo às imagens sagradas, ordenou alguns pontos doutrinários a serem seguidos de forma zelosa. Para além de salientar-se o uso legítimo das imagens sagradas aos quais deveria tributar-se-lhes toda a honra e veneração, as histórias dos mistérios e as imagens como campo ilustrativo do imaginário cristão, deveriam ser prestativos para a instrução de um povo que maioritariamente obtinha difícil acesso à bíblia. No terceiro critério definido, impunha-se que as imagens não fossem “pintadas com formusura dissoluta” de forma a distinguir as imagens que eram autorizadas e censuradas e, finalmente o quarto ponto que atribuía aos bispos a responsabilidade de controlarem os locais onde eram colocadas essas imagens.

O aparato litúrgico e todo um significado de simbologias, codificações de interação entre o que estava doutrinalmente estabelecido com a prática material de colocar em ação, permutavam sempre com as situações do quotidiano vivido e com a sensibilidade que os sacerdotes teriam para transmitir a sua mensagem. Recorreu-se também ao mecanismo da arte e de uma linguagem empírica de ordenamento onde se configurou a realidade que dali estava diante de todos os olhares. Com um propósito transformador, assim decorreu a cristianização destes monumentos rurais, acompanhando as modificações globais desta reforma. Já não se captavam os fiéis através da antiga forma conservadora, pautada pela seriedade dos programas pouco arrojados. A arte deverá ser didática e sedutora ao mesmo tempo e a composição dos

conjuntos da fachada, exterior e interior, não foi deixada ao sabor nem ao acaso dos artistas¹⁰⁷.

Propunha-se desta forma um novo olhar e novas formas de reestruturação no seio da igreja que procurava combater o protestantismo e todas as formas de carácter profano e heréticas, levantando questões de ética e morais transversais. Novos programas deram à luz a uma temporada de diversos riscos e junções entre o teórico e o prático, pois necessitava-se de reapropriação simbólica para que fizesse sentido.

As imagens deveriam estar imbuídas de valores intrínsecos e extrínsecos na sua própria carga envolvente. Não bastava usufruir de um sentido estético refinado ou inovador de excelência, tinha que transmitir algo mais. Importariam também as temáticas escolhidas, os cenários bíblicos onde participavam, o valor global de entrosamento entre as obras de arte presentes e a conotação específica que fariam a diferença ao observador mais detalhista. O valor das imagens deveria atribuir um rumo aos princípios católicos, adaptadas aos novos tempos, transmitindo estágios evolutivos que propunham um futuro duradouro e consolidado. Importaria obter um conhecimento mais profundo sobre o historial de cada monumento.

Essa simultaneidade em evidência não silencia o memorial de vida das obras, como no caso específico da anta-capela de Nossa Senhora do Livramento, monumento em estudo onde fluíram escolhas por parte dos responsáveis clericais no sentido de preservar a identidade da pré-existência. Apresentou-se a solução de fazer um acrescento contemporâneo dado pela abdicação do esteio que outrora cumpria uma função estrutural no interior da câmara onde está hoje tombado junto à entrada da mesma. Conservou-se a estrutura originária em pedra, pintando-a inteiramente de branco para harmonizar e integrá-la com o todo sem que houvesse intenção de ocultar os valores construtivos arcaicos. Assimilavam-se as leituras em conjunto para que ficassem regidas sobre as novas leis da religião.

Na anta-capela de São Dionísio ou São Dinis, pequenos apontamentos estruturais foram acrescentados de forma a compatibilizar com a nova linguagem arquitetónica. A construção do campanário, a nova fachada frontal e a estrutura em escadaria de três degraus que faz a entrada naquele templo, reintegram as novas necessidades funcionais do novo espaço.

¹⁰⁷ PLAZAOLA, Juan, *Historia del arte cristiano*, Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1999, p.211.

As mentalidades eram condicionadas à adaptação da realidade social e bíblica e essa transição de valores fazia-se prevalecer pelos contos geracionais que relacionavam o monumento com alguma santidade, em detrimento de um conhecimento mais pagão que permanecia nesse mesmo seio. Naqueles tempos espalhavam-se narrativas de locais que presenciavam hierofanias ¹⁰⁸ e esse valor detém claramente uma base pagã que já estaria amalgamada com outras personagens do imaginário cristão.

As associações com o imaginário possuíam um contexto de devoção católica que se entendia pela oração frequente da missa e o contacto com a bíblia que influenciava sobre a realidade e a fé. Este carácter religioso, fortemente presente numa mente coletiva, é assim explicado através de um excerto que relaciona os fenómenos hierofânicos com a subsistência da vida humana em que se aborda o *homo religiosus*:

“Assim, em termos de meio de coexistência, podemos definir o *homo religiosus* como aquele que, mediante sua herança socio-cultural, tende a conceber qualitativamente o espaço que o cerca, dentro de uma referencialidade voltada para o carácter axiológico de suas funções básicas de autotranscendência e autopreservação, garantindo-lhe, então, uma melhor adaptabilidade na estruturação do novo quadro de referência cuja transição ou atualização é imposta pela ação exploratória do pensamento ou pela ação solidária da consciência.”¹⁰⁹

No entendimento destes fenómenos sobre as hierofanias que se relacionam com a condição humana, existem várias ordens de debate desde o campo da consciência, espiritualidade e das ciências sociais. O subconsciente por trás desse carácter religioso ancestral é intemporal quanto à sua amplitude conceptual, sendo algo essencial na história da humanidade que se baseia em pilares estruturais como a sobrevivência, a auto transcendência e a auto preservação que justificam a fé, a existência e o pós vida.

Existe contudo a certeza que não chegaram até nós fontes textuais que demonstrassem os conceitos dos programas aplicados nem as escolhas artísticas concebidas para os monumentos aquando de suas cristianizações. Mas também não seria expectável que essas equivalências sincréticas estivessem disponíveis por escrito uma vez que o cristianismo já existia no território fazendo-se acompanhar pela existência de

¹⁰⁸ OLIVEIRA, Jorge de, *op.cit.*, p. 23.

¹⁰⁹ NETO, António Raimundo de Moura, *Hierofania e Sacralização da Terra: a perspectiva do espaço sagrado a exemplo do êxodo 3,1-5*, Goiânia – Goiás, Pontifícia Universidade Católica de Goiânia, 2009, p. 30.

legados patrimoniais religiosos abundantes. Esse novo ato de re-significação teria sido feita por processos automáticos.

Este processo de sincretismo é transversal e coexistiu em sociedades mais antigas. Nos tempos vigentes somos a todo o momento submetidos a novas ideologias impostas quer de ordem consciente ou inconsciente, logo o processo ideológico é continuamente feito por assimilações que são expostas gradativamente em relação ao seu teor. A adaptação faz-se pelo doseamento relativo ao novo simbolismo que se deseja transmitir, resultando assim na sincretização de um conjunto de diálogos ideológicos e espirituais que têm influências intrínsecas (no que já se conhece) e extrínsecas (do novo). Todo este ecletismo é em suma um aditivo de toda uma miscelânea de concepções de uma sociedade com os fatores sociais e religiosos a ela associados.

A cristianização não foi de todo uma transição simples e sim ajustável. Sofreu apropriações constantes com a finalidade de eternizar símbolos que vinham desde o começo das religiões, modificando somente a forma de os transmitir. Não é portanto de estranhar que se encontrem ícones religiosos pagãos semelhantes a ícones cristãos nos seus atributos. Os processos simbólicos colidiram e materializaram-se perfeitamente na perpetuidade fazendo manter o legado cristão. A ideia das antas-capelas como marcos perpetuados no tempo no decorrer de centenas de anos, traduzem um significado especial de consolidação do cristianismo, uma religião ainda fortemente entrosada no cerne da civilização contemporânea portuguesa.

7.1 - O CULTO DOS MORTOS *versus* RELIGIOSIDADE; SAGRADO *versus* PROFANO

As questões *post mortem* têm sofrido interpretações díspares, de acordo com o contexto social em que a morte ocorre. A religião funciona como um amparo para suprir as lacunas e inquietações referentes às respostas que o ser humano ainda não tem de conhecimento sobre esta questão transversal à vida. Neste contexto estamos inseridos numa sociedade simbólica e de práticas ritualísticas em que a religião é uma mediadora neste conflito existencial, pois através dela cumpre-se um papel de suporte e auxílio nesta transição.

Após a morte com o ritual de velação dos defuntos, emerge um processo ritualístico de encaminhamento das almas no sentido de as munir de tranquilidade e paz nesse processo transitório. Surge a necessidade de dois elementos que irão fornecer as condições necessárias para um bom ritual, em que o sacerdote e o espaço sagrado são elementos chave. O que difere o quão fascinante tem esta questão como de intrigante, está referido num excerto de José Mattoso, em que o autor discorre acerca da influência que os falecidos passam a ter na vida física dos que cá ficam e como agora eles são vistos para a sociedade dos mortais:

“O culto dos mortos pressupõe, antes de mais, que eles não são atingidos por um aniquilamento total: passam a fazer parte de um mundo invisível, regido por leis cuja compreensão escapa ao comum dos homens. O seu desaparecimento e decomposição do seu cadáver não significam apenas a morte em si mesma, mas sobretudo a passagem a outra forma de existência. (...) a conceber os cristãos, sobretudo a partir dos séculos XI e XII – quando começam a interpretar o dogma da ressurreição do corpo individual, com os caracteres específicos que o distinguem do de qualquer outra pessoa (...) de uma outra vida em que se tornam os sujeitos de forças e de acções de origem invisível.”¹¹⁰

Sabe-se que as questões problemáticas em torno da morte possuem algo grandioso não só na patente religiosa como para os seus seguidores, sendo que em torno desta questão são concebidos rituais de encaminhamento das almas para que consigam brandamente efetuar o seu trajeto de passagem para o mundo espiritual. O amparo para

¹¹⁰ MATTOSO, José, *Pressupostos mentais do culto dos mortos in Arqueologia Medieval*, Nº5, Porto, Edições Afrontamento, 1997, p.5.

os que ficam é fulcral tanto do ponto de vista da ritualística como para a notoriedade que as palavras do sacerdote conferem. Todo o processo simbiótico entre o mortal e o que deixou de o ser perdurará enquanto houver elementos na memória dos entrequeridos, perfazendo neste tipo de rito uma extensão de encontros intemporais.

O corpo efêmero simbolizante da matéria sucumbe à existência com o decurso da morte por já não albergar a sua funcionalidade e o preceito de enterro com objetos e roupas, escolhendo o ponto de sepultamento, constituem extrema importância. A identificação das sepulturas no espaço de sepultamento assim como as homenagens passam a ser prolongadas no tempo com um sentido não só comum como individualizante.

A possibilidade dos caminhos da imortalidade e o acompanhamento do espírito depois da morte é consensual por parte do universo religioso que implica condições de infraestruturas apropriadas para a realização destes cultos. Uma vez que a pré-existência destes monumentos indicia uma consensualidade acerca da sua função fúnebre impõe-se pela lógica que sejam ícones portadores de propriedades religiosas pela sua história inicial até hoje.

No concerne designadamente aos meios de enterro as urnas apresentaram diferentes metodologias que variavam de acordo com o modo de vida do defunto, relacionadas com as posses, o estatuto e a sua devoção cristã. Quando ao teor da cerimónia ritualística de passagem exercida por um membro do clero, esta era unânime para qualquer cristão uma vez que ao deixarem a sua condição de vida, as almas iriam passar pelas mesmas etapas no *post mortem*. José Mattoso descreve os propósitos destes cultos que procuravam levar a alma até à casa do Pai:

“(...) rituais que se destinam a garantir a passagem feliz do «morto» através dos grandes perigos que o ameaçam até chegar ao seu destino. São as orações e os sacrifícios que o ajudam a triunfar das suas provações, ou que contribuem para o pacificar, como as preces pelas «alminhas», os sufrágios pelas almas do purgatório, a invocação dos anos «psicopompos» (que conduzem as almas ao céu ou que as protegem contra as investidas do demónio) (...)”¹¹¹

¹¹¹ MATTOSO, José, *op.cit.*, p.9.

A passagem pelo purgatório das almas e os confrontos com que a alma se poderia debater na dicotomia entre o sagrado ou profano, incidia como uma preocupação do lado de quem rezava do lado dos vivos. O sagrado e o profano não são novidade no âmbito cristão pois representam outras preocupações como a vida e a morte ou o bem e o mal difíceis de serem transcendidos. Uma vida pouco regrada dos bons princípios cristãos e mesmo sociais supunha um *post mortem* mais doloroso contando com o papel dos ente-queridos no sentido de encaminharem as suas almas. A extrema-união dada aos efêmeros ou pessoas de idade são também veículos de auxílio para o vindouro processo transitório que esperariam.

Rodeado pelos mistérios e o ocultismo o crente revê-se num espaço de metamorfoses internas em direção a uma boa conduta das leis religiosas, imunes e livres do pecado. O profano ao ser agregado ao paganismo reformulou as questões de crença sagradas que passaram a ser redigidas pelas fronteiras teóricas que constavam ou não na bíblia. No entanto perdura a base questionadora sobre os temas da condenação do paganismo, portador igualmente dos assuntos do sagrado onde o conhecimento geracional, ideológico e sociológico mantém-se vivo.

No período neolítico, num contexto de busca pela subsistência com os mecanismos à disposição que a natureza fornecia como a caça e a agricultura, desenrolaram-se conquistas técnicas onde a capacidade intelectual foi desenvolvida num longo processo recorrido a par da fé. Aprimoraram-se as formas organizativas da sociedade com o trabalho em sistema cooperativos a salientar o sentido da comunidade.

Os lugares de sepulcro converteram-se em oratórios dando continuidade ao seu papel de santuários neolítico-sagrados, sendo lugares onde a crença, o físico e o extra físico dialogam continuamente e de uma forma homogênea no espaço-tempo. A resistência das fisicalidades de algumas antas-capelas perduraram solidamente tal como a imortalidade da alma e só o tempo e a sociedade souberam transmutar as suas simbologias adaptadas ao contemporâneo das suas vivências, convertendo-as em símbolos que resultam de toda a temática da transcendentalidade aqui aprofundada.

7.2 – O PARTICULAR CASO EBORENSE

A cristianização das antas-capelas do caso particular eborense não diferiu dos outros exemplares onde as personagens de santos com hagiografias e cultos singulares estabeleceram pontos de semelhança constantes com a história do monumento e a memória do lugar. Este reconhecimento para com os santos de menor expressão popular embora seja associada a um decréscimo da sua relevância gerou pelo contrário uma maior devoção local uma vez que os números de fiéis eram reduzidos e as preces poderiam ser escutadas de forma mais eficaz.

O modo de cristianizar estando intimamente ligado aos apelos da povoação, vai ao encontro dos pontos para onde a atenção é redobrada e áquilo que é mais valorizado, figurando santos que fazem mais lustrino na região de Évora. (São Brissos, São Bento do Mato, São Dinis ou São Dionísio, etc.). Por outro lado a norma que se revê em todo o país de um culto mariano acentuado, é caso também nesta realidade da anta capelas de Nossa Senhora do Livramento ou São Brissos.

O caso de Nossa Senhora do Livramento é paradigma numa realidade enquadrada nos cultos locais. Originalmente denotada como uma santa que auxilia na execução dos partos, claramente que no seu culto originário pagão estamos diante uma forte ligação para com os rituais de fertilização executados nas civilizações pré-cristãs e sobretudo pré-históricas. É-lhe atribuído um outro nome a quem a devoção pertence a S. Brissos que a história descreve como um santo português do cristianismo primitivo, originário de Évora e de pouca visibilidade no seio cristão. A sua função social como marco de romagem de crentes foi existente por muito tempo e essas mesmas romarias que incluíam a visita ao seu interior, entrevê-se como um culto agregador de muita memória, pois os ex-votos e as molduras com fotografias que ainda hoje se encontram no seu interior, indiciam que a santa concedia milagres e o povo agradecia por eles, prestando-lhe tributo. O seu carácter de lugar de armazenamento destas fotografias emolduradas de pessoas que já partiram ou que necessitam de uma prece são símbolos dessa proximidade.

Para a anta-capela de Pavia em que a sua cristianização ocorreu, S. Dinis ou S. Dionísio figuram como patronos, mantendo a linha dos primeiros santos consagrados. Nos interiores reside a vontade do povo em querer manter o seu culto e a memória preservados com flores frescas diante os altares a figurarem como elementos decorativos.

No caso de São Bento do Mato onde a sua designação provém da mesma freguesia, é um caso que decorre dentro das conformidades do cristianismo primitivo eborense. A devoção desde santo remete à tradição que o estima como um protetor das pestes, mordeduras de víboras e lacraus que existiam com abundância neste lugar.

Como é possível sintetizar, a cristianização no caso particular eborense deu-se de forma gradativa e com bases interessantes. O fato dos santos serem afamados no seio do povo gerou um processo ocorrido de acordo com o gosto popular e a sua devoção singular regional, características que geraram as adaptações das vivências religiosas locais.

8. FENÓMENOS DE EXPRESSÃO ARTÍSTICA

O legado artístico presente em cada exemplar de estudo revela um conjunto de diferentes tipologias artísticas que formam o conceito de obra de arte total. Para cada uma surge um programa diferenciado adequado às realidades em que é aplicada a comunicação hagiográfica imbuído nas iconografias dos santos subjacentes às formas artísticas.

Deste modo cada monumento obedece a um programa criterioso e diferenciado onde as expressões artísticas estão patentes em cada uma das realidades, utilizando no seu recurso teórico as iconografias e hagiografias de santos com a finalidade de serem alvo de devoção popular. Uma vez que as localidades em questão são distantes dos principais centros urbanos e das correntes artísticas que vigoravam nas épocas, recorreram-se a tipologias mais convenientes, tendo elas origens e produções locais.

Uma obra regional que fosse economicamente viável abriria as possibilidades aos artesãos locais, embebidos naquele contexto, de trabalharem o seu objeto expondo na peça todo o seu universo cristão e cultural. Nos pontos que se seguem apresentam-se exemplos no âmbito da pintura, imaginária e azulejaria.

A pintura a fresco exerceu o seu papel catequético nas paredes onde São Cristóvão está representado na igreja de São Bento do Mato.

Na produção da imaginária executou-se a representação dos diferentes patronos e outros santos que acompanharam a componente devota e o programa religioso, desde o afamado Santo António de Lisboa até a uma realidade menor com santos de inferior importância.

Na tipologia azulejar está patente em três dos monumentos (Alcobertas, São Bento do Mato e São Dinis ou São Dionísio) tanto a utilização do azulejo de produção nacional em azul como o geométrico de influência pré-mourisca.

Com programas a respeitarem o bom costume tridentino, evidenciam-se expressões mais tradicionais e por outro lado uma liberdade estética concedida onde tais fatores resultaram no conceito pretendido ao espaço.

8.1 – PINTURA

A gama de pinturas presentes nas antas-capelas possui uma variedade iconográfica abrangente, e são assim nesta vertente artística, a menos abordada e menos escolhida enquanto forma de representação para os fiéis no legado das antas-capelas em estudo. Quanto à expressão técnica e formal não lhe são conferidas grande proeza técnica por parte dos artistas, remetendo para um estilo pictórico de terceira linha e de teor mais rural. No entanto revelam uma grande sintetização do teor hagiográfico e da mensagem a que se propõem transmitir uma vez que os principais elementos da vida dos santos mais conhecidos pela generalidade estão retratados abrindo o leque de representatividade a outros temas bíblicos menos conhecidos destas santidades.

Os registos bibliográficos sobre os estudos efetuados às obras e às ermidas, não possibilitaram a identificação dos seus pintores, ainda que se possam atribuir datas estimativas para as suas execuções, tendo como base o que se conhece da história da arte em Portugal, ao qual aqui os métodos dedutivos de análise serão à partida sempre os mais eficientes. Os lugares das antas-capelas eram situados em meios pequenos e como tal as contribuições dos fiéis prestaram um contributo significativo para as suas construções. Tampouco se conhece a origem ou vida do artista, nem os nomes dos contribuidores por detrás destas obras uma vez que não foram identificadas marcas de autoria.

Na Igreja de São Bento do Mato, nome homónimo dado à pequena vila alentejana na qual se insere o templo, na parede virada a sul, consta uma pintura de São Cristóvão ¹¹² (*vide FOTOGRAFIA 40*) com um menino ao colo e que transporta na mão direita um globo terrestre encimado por uma cruz. O globo representa a santidade do planeta, da união e do espírito santo sobre toda a humanidade. O menino encena uma expressão de alerta e aviso com o dedo indicador da mão esquerda a apontar para o alto, relembrando o Deus de todos nós e criador do Universo como o autor e força máxima da existência. Encontra-se sentado no que parece ser parte da capa da indumentária do santo. Aportando vestes tradicionalmente beneditinas pelo seu passado como monge, São Cristóvão segura com a sua mão direita uma árvore de tamanho considerável com

¹¹² São Gregório VII foi um papa no século XI. De nome Hildebrando, foi abade e legado pontifício antes de ser eleito papa em 1073. Foi um grande lutador político e impôs-se contra o imperador da Alemanha, Henrique IV, que humilhou em Canossa (Questão das Investiduras) na qual fez prevalecer os direitos do Papado sobre os do Imperador. Foi canonizado por Bento XIII em 1729. Cf. TAVARES, José Campos, *Dicionário de Santos*, Porto, Lello Editores, 2001, p. 70.

raízes (*vide* FOTOGRAFIA 41) e na extremidade superior encontram-se duas ramificações com folhagens. Esta representação transmite a dualidade traduzida por dois galhos que geram a capacidade de florescimento, mas que pertencem ao mesmo tronco comum. Com uma perspetiva ainda um pouco rudimentar, em que a tridimensionalidade não é de todo explorada nas suas máximas capacidades, com pontos de fuga que sejam coerentes, a árvore encontra-se no mesmo plano do santo. Os tons abundantes da composição são o ocre modelado num claro-escuro pouco estudado que figura na maioria da representação, bem como a cor verde das folhagens da árvore e um tom mais escuro e amarelado do globo terrestre. Anatomicamente existem algumas disformidades que se traduzem nos olhos muito amendoados, na musculatura do menino irrealista, um nariz comprido e muito estreito e uma indumentária que veste o santo a descair de uma maneira irregular. O cabelo segue os padrões de representação tipicamente beneditinos, muito à semelhança de Santo António de Lisboa.

Observa-se uma delimitação que surge através de uma moldura e que engloba a cena desenhada de modo simétrico, sendo a mesma distância do final da moldura até ao rodapé igual à que dista da parte superior até ao topo. Esta representação encontra-se na parede sul.

8.2 – ESCULTURA

A escultura mais importante de entre os exemplares em estudo é a imagem de Santa Maria Madalena nas Alcobertas (*vide* FOTOGRAFIA 42). Para o estudo desta peça foi elaborado um relatório de peritagem prévio com a ajuda do Doutor Cabral Moncada.

No que toca às questões técnicas e formais da estátua, esta é de fabrico total em terracota, sendo pintada por cima com cores (amarelo, azul, castanho-claro, e cor vermelho-tijolo). Apresenta-se oca no seu interior e é de formato médio, representando St.^a Maria Madalena através de um traje que lhe cobre o corpo.

No vestuário porta uma saia que lhe cobre até aos pés com pregas e com terminação ondulada. Na zona do tronco a santa veste um corpete de cor amarelada trabalhado a condizer com a saia e na área do peito, trás um medalhão singular ao gosto do século XVII. Atrás a santa possui uma capa que prende na zona do seu ombro direito em amarelo e azul. A capa descai sobre o seu colo (*vide* FOTOGRAFIA 43).

O tipo de representação iconográfica diz respeito à fase eremita da santa e esta é uma abordagem escassa à personagem que raramente é retratada desta maneira.

Estando numa posição sentada num trono e com um livro aberto ao seu colo sobre a capa, a mão direita encontra-se por cima do livro e a esquerda procura apoiar a sua cabeça. As duas tranças de cabelo que descaem sobre o seu peito são particulares na representação iconográfica de Maria Madalena. A confeção da estátua é de origem portuguesa com fabrico provável apontado para a 2ª metade do século XVIII e uma policromia que aparenta ser posterior (não original) principalmente por causa da cor azul e amarela. Contudo, como referido anteriormente o gosto do traje é do século XVII, o que demonstra um atraso na absorção das modas em vigor nos grandes centros.

A autoria do barrista é desconhecida e não foram encontradas marcas significantes que permitissem estabelecer uma autoria. O mau estado de conservação impera uma urgência na operacionalidade de um restauro que atenuie o seu deterioramento. Foi ainda possível detetar que a imagem poderá ter sofrido um restauro mas não foi possível descobrir quando.

A anta-capela está constantemente submetida a condições climáticas adversas e a incidência dos raios solares diretos na imagem através de uma abertura no cimo da estrutura, ocorrem diariamente. As dimensões da peça são aproximadamente 50 cm de comprimento, 43 cm de largura e 70 cm de altura.

Segundo os dados temporais de construção da anta-capela (séculos XVII/XVIII), ela cumpre os requisitos de uma obra de arte produzida neste espaço temporal e estaria no seu interior desde a sua conceção.

Formalizando um estudo iconográfico da obra, existem obras que permitem a sua comparação com a Santa Maria Madalena em estudo. Um primeiro conjunto demonstra o livro enquanto objeto que a acompanha a surgir nas fotografias 44, 50, 51, 52, 53, 57, 58 e 59 (*vide*). Existem outras reproduções de relevo como a posição sentada e em alguns casos repetindo mesmo os gestos da estátua de Alcobertas. É o caso das figuras 45, 46, 47, 49, 50, 51 e 52 (*vide*). O levantar de um braço que se apoia na zona do rosto, é um ponto marcante em comum. No panorama artístico português existe uma escassa figuração de Santa Maria Madalena que se assemelha à estudada pelo presente relatório. (*vide* Fotografias 56, 57, 58, 59).

8.3 – AZULEJO

O azulejo foi no séc. XVIII um veículo muito solicitado no país por parte de todas as classes sociais, estando presentes na decoração de capelas, conventos, livrarias, palácios de aparato ou até recantos de habitações modestas (do mais sóbrio ao mais requintado) – findando um tipo de arte popular que constituiu um exemplo de democratização. O azulejo revela todo um espectro impregnador das ideias vindas do exterior, havendo “aportuguesamentos” de modelos e expressões figuradas em estampas religiosas e mundanas. O acrescento de figurações simplifica os elementos com originalidade, conferindo um trabalho notável de encenação que valoriza a qualidade do artista.

Os azulejos cumpriam uma função catequética de narração dos episódios bíblicos, pois a percentagem de aliteracia era grande. O painel de azulejos do frontal de altar da anta-capela de São Dinis ou São Dionísio é ao gosto “brutesco”, pela existência de um cenário de natureza envolvido com cenas de animais. Este estilo de representar foi muito frequente na literatura portuguesa da segunda metade do século XVII e na primeira metade do século XVIII¹¹³.

Esta modalidade pictural inspirada nos *grotescos*, assumiu extrema importância nos programas ornamentais arquitetónicos, abrindo caminho ao conceito da obra de arte total. A composição deste painel (*vide* fotografia 60) apresenta-se dividida em duas partes análogas através de um eixo vertical que as divide.

A representação iconográfica do orago de São Dinis ou São Dionísio é atípica. Encontra-se no centro um medalhão com a representação do santo num campo, assumindo uma tarefa de pastoreio e cercado de três cabras. O seu traje é uma túnica que se prolonga até aos joelhos, presa à cintura com um cordel. Leva ao peito um crucifixo e aos pés usando um par de botas. Na cabeça trás um chapéu comumente utilizado pelo clero.

O emolduramento decorativo é típico para a época e em relação à obra propriamente dita não foi possível identificar a autoria. Os ornamentos vegetalistas e as grinaldas de folhagens que interligam as figuras, envolvem toda aquela cena centralizante. A contornar o painel da cena estão volutas em formato de “L” que convergem para a região central. Duas figuras angelicais (*putti*) estão presentes, nus e

¹¹³ SERRÃO, Vítor, *O brutesco nacional e a pintura de azulejos no tempo do barroco (1640-1725)*. In Um Gosto Português. O uso do azulejo no século XVII, Lisboa: MNAz/Babel, 2012, p. 183.

repousados sobre a cartela, com um dos braços estendidos como se estivessem a segurar as volutas. O cabelo dos anjos é encaracolado como manda a tradição e as asas abrem pela parte das costas (*vide* Fotografia 61).

Encontra-se num estado mediano de conservação e com remendos realizados nos cantos superiores esquerdo e direito, que foram feitos com outro azulejo esbranquiçado, que não parecem fazer parte do conjunto.

9. PARA UMA SENSIBILIZAÇÃO PATRIMONIAL

Em todos os casos das antas-capelas presentes em estudo existe um mau estado deste património e todas as tentativas de salvaguarda patrimonial como de restauro, devem ser urgentemente atendidas pelas autoridades competentes.

A igreja de São Bento do Mato é de todas a que se encontra em pior estado devido à sua grande dimensão e porque a análise pressupõe não só a estrutura megalítica como a igreja que foi acrescentada a partir da mesma. Em termos globais, o templo acrescentado é composto por uma área circundante que padece de cuidados e tratamentos a nível do solo. Este necessitaria de um piso digno de forma a circunscrever o espaço sagrado que é delimitado a partir da cruz no meio daquele terreiro, facilitando a sua sinalização. Em relação à anta propriamente dita do lado da parede Este, padecem restos de esteios do lado de fora e embora estes continuem ligeiramente quebrados, deveria haver uma proteção ou sinalética para esta estrutura megalítica como forma de no futuro esta não desaparecer completamente por descuido. Afinal, foi nesta pequena anta que terá começado o culto a São Bento do Mato e a partir dela ampliou-se a ermida ocorrendo a cristianização efetiva. Ainda no seu exterior, certos aspetos vernaculares assinaláveis fazem o deleite por parte dos entendidos na matéria. O pormenor do telhado de quatro águas e uma escada externa que dá acesso à parte de cima do monumento são curiosidades a assinalar. O pórtico principal da igreja encontra-se fechado e a madeira da porta está muito velha. A porta lateral de acesso à nave encontra-se aberta e presa por uma corda.

O interior encontra-se de uma forma geral em péssimo estado de conservação, com a tinta a apresentar tonalidades baças e materiais acentuadamente pautados pela marca dos séculos. O altar-mor, vazio, denuncia uma antiga memória ao culto e a parede do lado direito da abside denota uma exoneração de um património azulejar de padrão claramente do século XVII, onde subsistem já poucos exemplares. Os altares laterais [*vide* imagem 29] inabitados pela arte da imaginária, deixa-nos para a posteridade somente alguns dos seus materiais construtivos. O coro tem um pequeno óculo que executa a sua iluminação e a pia batismal do século XVI ainda consta *in situ*.

O fresco de São Cristóvão está ainda surpreendentemente perceptível, embora merecesse retoques de forma a resgatar o desenho da sua área inferior.

A ermida das Alcobertas é a anta-capela que no seu interior apresenta o seu melhor estado de conservação, pois ao estar indexada à igreja dando-lhe uma

continuidade interna na passagem, teve um cuidado maior. É de salientar que a imagem da Santa Maria Madalena é a que necessita de um restauro primário, assim como o altar. Em relação ao espaço interno do monumento, foi elaborada uma instalação elétrica com algumas luzes de baixa intensidade. Contudo no aspeto geral, creio que a anta encontra-se num estado muito semelhante ao primitivo, pois não foi aplicado nenhum restauro ou evasão à estrutura dos esteios.

Na anta-capela situada na Azaruja, todo o património material interno que ela contém, antigo e atual (ex-votos e fotografias) mereciam também outro tipo de cuidados ao nível da infraestrutura que se apresenta com algumas infiltrações. A adicionar a este panorama a sujidade e as teias de aranha impregnadas nas paredes e nos objetos só comprovam a sensível estrutura que se verifica. A sua manutenção é feita por uma parte seleta da população que é devota e principalmente pelos moradores da região mais antigos. Pelo lado exterior, o caminho e a área envolvente da ermida está minimamente circunscrita e apresenta uma trilha desde a estrada até à mesma. Todo o campo à volta é em terra batida, apresentando vegetação e gado que por lá passeia, dando sinais gerais de isolamento e de abandono. Junto à anta-capela uma placa possui contatos para se telefonar a quem interesse para se efetuar a abertura a anta.

As antas-capelas do Torrão e de Penedono são as que se encontram em pior estado de conservação, estando em ruínas e ao abandono, desprovidos de qualquer identificação. Em Penedono a sua longínqua localização e isolamento no meio de uma região acidenta, pressagia um esquecimento declarado.

Em ambos os casos pouco se pode fazer, principalmente porque a anta-capela do Torrão já não possui a câmara neolítica nem a mamoa da mesma, encontrando-se completamente abatidos e entulhados. O seu alcance é igualmente impossível visto esta pertencer a um terreno privado que está vedado no acesso.

Só resta esperança na conscientização a representatividade que estes monumentos possuem pelos seus legados memoriais, fotográficos ou textuais. Todo este panorama aqui traçado sobre o estado de conservação atual destes monumentos só levam a que daqui haja um entendimento de que as entidades competentes andam alienadas para com a importância destes patrimónios. É necessário um apelo aos gestores do património e a todos os representantes políticos das regiões que se reúnam e agendam soluções e planos de restauro e salvaguarda, mobilizando equipas de arqueólogos e historiadores para agirem numa primeira linha de atuação no seu estudo. Todo o seu inventário é pertinente, bem como a mão-de-obra humana para um estudo

individualizante, de conjunto e mais tarde comparativo. A etapa seguinte será a divulgação destes mesmos estudos.

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste estudo teórico-prático, concluíram-se diferentes magnitudes de todo um âmbito patrimonial traduzidas nas representações da fé que são parte do contexto religioso para a componente artística.

Num território como Portugal são evidentes as diferentes manifestações hierofânicas guardadas no historial oral do povo. Para este tipo de informação de campo, surge uma necessidade grande de ouvir os relatos da população para se saber aquilo que é mais falado, juntando com a parte documental que é a base para detetar o seu estudo. As visitas de campo foram indispensáveis e sem elas não haveria um cruzar de informação com os dados documentais que já existiam.

Assim como a história de Portugal atual faz parte de um conjunto de diferentes povos que habitaram o seu território com formas de estar e culturas diferentes, a arte portuguesa das antas-capelas é um campo que perpassa e consegue agrupar essas diferentes fontes de sabedoria e tradição, refletindo o que é no fundo a sua identidade artística entre o físico e o imaginário religioso. As adaptações realizadas foram cruciais para dar uma nova pujança à religiosidade católica que soube aproveitar os novos tempos e premeditar um futuro de transformações na fé dando seguimento à utilidade destes monumentos. Para a comunidade que habita junto a estes símbolos vivos, perdura a memória sincrética do que outrora elas significavam para todos e para o património artístico português, pois são um legado único por terem sido reformadas obedecendo a ideologias específicas.

Foi um enorme desafio compreender o que motivou o aproveitamento destas pré-existências para o culto cristão, uma vez que a memória pagã ainda se encontrava latente e o cristianismo começou a ser implementado de forma ténue e duradoura sem que a população o rejeitasse. Estes monumentos já teriam sido extremamente importantes no seio da vivência destas populações uma vez que a sua memória nunca fora apagada nem rejeitada. Houve uma reapropriação do espaço monumental de cariz pagão, concedendo-lhe um significado atributivo ao seu nível de santidade para a realidade cristã. Essa passagem para o cristão obedeceu a fatores e razões que dizem respeito às lendas dos locais, surgindo a escolha do nome de seus patronos através de hierofanias, derivado às localizações ou aos desafios que as populações enfrentavam.

Estes templos são simbólicos porque apesar do carácter micro enquanto marcos físicos, conseguem albergar todas as funções que um templo em maior escala tem a

partir do uso que a população lhes confere. Servem de capela lateral, capelas únicas e capela adjacente a monumentos dando origem à construção de novos monumentos como foi o caso da Igreja Matriz das Alcobertas e da Igreja de São Bento do Mato que ainda preservam as construções ao lado das novas.

As antas-capelas foram a junção do imaginário pagão com o cristão e resultam num olhar contemporâneo à historicidade dos povos que ali habitaram, transmitindo a identidade cultural e religiosa portuguesa. Esses elementos são um reflexo da adaptação do que se refere à espiritualidade cristã consagrada aos tempos atuais. Desta forma os rituais sagrados sempre ocorreram nos seus interiores pois o culto dos mortos e a religiosidade foram uma presença constante, sendo o profano um elemento que só veio a fortificar e a criar uma dicotomia perante a componente sagrada que por meio de simbolismos, quer pagãos ou por meio da imagética cristã, coabitaram no seio destes povos. A linguagem das antas-capelas demonstra uma demarcação do cristianismo perante os valores espirituais anteriores dada a supremacia que a instituição, aproveitando os tempos da reforma tridentina, conferiu a estes monumentos, símbolos de carácter memorial, solidez e durabilidade, valores aproveitados posteriormente para as leituras em conjunto com programas próprios e únicos. Hoje continuam a ser marcos vivos intemporais do triunfo do cristianismo por este prosseguir com uma presença sólida no território português, muito a par dos valores de eternidade que estes monumentos detinham para a população enquanto lugares de sepulcro dos mortos virados a nascente, o que traduz a ideia de imortalidade. No entanto a componente neolítica por ainda continuar lá, oferece outras releituras às mesmas peças.

Ao ser visitado cada monumento detetou-se um carácter místico que sempre acompanhou cada espaço, dado essencial motivador para a utilização das pré-existências para a fé cristã. O que o culto dos mortos e a religiosidade relaciona-se com o sagrado e o profano tem a ver com a sua funcionalidade neolítica que é no fundo sagrada pela ritualística que era envolvida nas cerimónias fúnebres de carácter memorial, pressupondo a invocação de algo divino nestes rituais.

Existem nas regiões estudadas e no caso particular eborense, uma similaridade ao nível das antas-capelas no que concerne à devoção dos seus patronos, contudo a devoção mariana consegue ser uma marca predominante imbatível em destaque no nosso território de uma forma simbólica e objetiva, retratando a fé dos seus seguidores. Já em Évora optou-se maioritariamente por oragos de pouca expressão.

O recheio artístico-patrimonial, embora de mão-de-obra de segunda e terceira linha, é essencial por todos os significados e ideologias que aportam, auxiliando ao estudo da historicidade dos lugares, das gentes e dos seus tempos. A sua iconografia acaba por ser atipicamente representada em relação às demais representações existentes no país como é o caso de Santa Maria Madalena que surge representada de três maneiras distintas, abandonando a ideia comum de santa pecadora.

Embora este património não seja considerado uma prioridade nas agendas das entidades, é pertinente transferir esses conhecimentos às instituições governamentais e municipais para que a memória deles possa ser repassada para as futuras gerações enquanto símbolos artísticos de sincretismos. É importante lucidar que a conservação deste património deve ser feita de forma linear pois eles reproduzem a história do Homem no tempo e a sua maneira antropológica de se relacionar e ver o mundo como a si mesmo.

Com esta análise, consolidaram-se conhecimentos de pesquisa teórica unidos com as visitas realizadas aos locais que contribuíram para a reunião de testemunhos únicos convertidos em materiais orais de excelência transpostos para um olhar contemporâneo. Fica com este trabalho um registo para o desvendar de algo maior que acredito que esteja para vir e para suscitar futuras investigações de pesquisadores. Esta investigação é útil para dar continuidade à preservação das pré-existências tipológicas e à cristianização, bem como às formas de expressão artísticas.

11. BIBLIOGRAFIA

PLAZAOLA, Juan, *Historia del arte cristiano*, Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1999.

ALMEIDA, Fernando de, “Breves palavras sobre Arqueologia do Concelho de Rio Maior”, *Revista de Guimarães*, vol. LXXXVIII, 1979, p.389-399.

ALVES, Susana Rita Rosado, *A Iconografia de St. Maria Madalena em Portugal até ao Concílio de Trento*, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/8090>.

ARAÚJO, António de Sousa, *Dicionário de capuchos franciscanos*, editorial franciscana, Braga, 1996.

BARBOSA, David Sampaio, “Portugal em Trento: uma presença discreta”, Lisboa, *Revista Lusitana Sacra*, ISSN 0076-1508. 2ª S. 3, 1991, 11-38 p.

BARBOSA, Francisco; PAÇO, Afonso do; SOUSA, José do Nascimento e;
BARBOSA, Francisco Bergstrom, *Notas arqueológicas da região de Alcobertas*, Lisboa, Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia, pp.281-292, 1959.

BOAVENTURA, Rui, *As antas e o megalitismo da região de Lisboa*, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Tese de Doutoramento), 2010. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/587>.

CALABRESE, Omar, *Como se lê uma obra de arte*, Lisboa, Ed. 70, 1999.

Câmara Municipal de Pavia - Descrição história de Pavia. Disponível em: <http://www.cm-mora.pt/pt/site-visit/pavia-malarranha/Paginas/descricao-historica.aspx>.

CARDOSO, Pe. Luís, *Diccionario geográfico, ou noticia histórica de todas as cidades, villas, lugares, e aldeas, Rios, Ribeiras, e Serras dos Reynos de Portugal e Algarve, com todas as cousas raras, que nelles se encontrarão, assim antigas, como modernas: que escreve, e oferece ao muito alto, e muito poderoso rey D. João V. nosso senhor, vol. I*, Lisboa, Regia Officina Sylviana e da Academia Real, Vol. I, 1747-1751.

CARVALHO, Pedro Manuel Sobral de, *A Necrópole megalítica da Senhora do Monte. Um espaço sagrado pre-histórico na Beira Alta*, Viseu, Centro de Estudos pré-históricos da Beira Alta, 2005.

CASTRO, João Baptista de, *Mapa de Portugal*, Lisboa, Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1762-1763.

CORREIA, Vergílio, *Obras Vol. IV – Estudos Arqueológicos*, Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, 1972.

CORREIA, Vergílio, *Terra portuguesa: revista ilustrada de arqueologia artística e etnografia*, Lisboa, Typographia do Annuario Commercial, 1916.

COSTA, Américo, *Dicionário Corográfico de Portugal continental e insular: hydrographico, histórico, orographico, biográfico, archeologo, heráldico, etymologico*, Porto, Civilização, 1929-1949.

COSTA, Pe. António Carvalho da, *Corografia Portuguesa*, Braga, Off. de Valentim da Costa Deslandes, 1712.

DUARTE, Fernando, *Rio Maior - estudo da Vila e seu Concelho*, Rio Maior, Edição do Autor, 1951.

ESPANCA, Túlio, *Inventário Artístico de Portugal: distrito de Évora*, Lisboa Academia Nacional de Belas Artes, 1975.

FERREIRA, Agostinho Campos, “A anta da capela da Senhora do Monte: Contribuição para o estudo do Megalitismo da Freguesia de Penela da Beira”, Porto, *Revista da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, Fasc. 1, VOL. XXV, 1985, 24 p.

FERREIRA, Virgílio, *El neolítico de Pavia*, Madrid, Museo Nacional de Ciencias Naturales, 1921.

Freguesia das Alcobertas – Heráldica. Disponível em: <http://jf-alcobertas.pt/heraldica.aspx>.

GRIJALVO, Elena Muñiz, *La cristianización de la religiosidade pagana*, Madrid, Actas, 2008.

JORGE, Lúcia, *História da evolução religiosa no concelho de Rio Maior*, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2012. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/6973>.

LEAL, Pinho, *Portugal Antigo e Moderno: dicionário geográfico, estatístico, chorographico, heralico archeologico*, histórico, biográfico e etymologico de todas as cidades, villas e freguesias de Portugal e de grande número de aldeias, Lisboa, Mattos Moreira, 1873-1890.

LICHTENSTEIN, Jacqueline, *A Pintura: A teologia da imagem e o estatuto da pintura – Vol.2 – Coleção Textos Essenciais*, São Paulo, Editora 34, 2004.

MARIA, Frei Agostinho de Santa, *Santuário Mariano, e historia das imagens milagrosas de N. Senhora, das milagrosamente aparecidas*, Lisboa, Officina de Antonio Pedrozo Galvão, 1707.

MATTOSO, José, *Pressupostos mentais do culto dos mortos in Arqueologia Medieval*, Nº5, Porto, Edições Afrontamento, 1997.

Memória Paroquial de S. Brissos, Montemor-o-Novo
[ANTT, Memórias Paroquiais, vol. 7, nº 69, pp. 1223 a 1226]. Disponível em:
<http://www.portugal1758.uevora.pt/index.php/lista-memorias/67-montemor-o-novo/1964-montemor-o-novo-sao-brissos>.

Memória Paroquial de S. Bento do Mato, Évora
[ANTT, Memórias Paroquiais, vol. 23, nº 92, pp. 617 a 620]. Disponível em:
<http://www.portugal1758.uevora.pt/index.php/lista-memorias/52-evora/1304-evora-sao-bento-do-mato>.

NETO, António Raimundo de Moura, *Hierofania e Sacralização da Terra: a perspectiva do espaço sagrado a exemplo do êxodo 3,1-5*, Goiânia – Goiás, Pontifícia Universidade Católica de Goiânia, 2009.

OLIVEIRA, Jorge de; SARANTOPOULOS, Panagiotis; BALESTEROS, Carmen, *Antas-capelas e antas e junto a capelas no território português*, Lisboa, Edições Colibri, 1997.

OLIVEIRA, Jorge de, *Evolução das teses sobre a origem das sepulturas megalíticas na Europa Central*, Évora, Universidade de Évora, 1988.

Património Cultural – Megálito capela adjacente à igreja paroquial de Alcobertas. Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/en/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/72743>.

Património Cultural – Anta-Capela de São Dinis em Pavia, disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70422>.

PEREIRA, João Manuel Esteves, RODRIGUES, Guilherme, *Portugal – Dicionário Histórico, Corográfico, Heráldico, Biográfico, Bibliográfico, Numismático e Artístico*, Volume I, Edição em Papel 1904-1915 João Romano Torres – Editor, Edição Electronica 2000-2012 Manuel Amaral.

PEREIRA, Paulo, *Enigmas Lugares Mágicos de Portugal: Architecturas Sagradas*, Lisboa, Circulo de Leitores, 2004.

PLAZAOLA, Juan, *Historia del arte cristiano*, Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1999.

ROCHA, Leonor, *A anta-capela de Pavia (Pavia, Mora): novos dados sobre o megalitismo desta área, Aroche e Serpa*, 2013. Disponível em: <https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/2248/1/Art19-RPA2-%201.pdf>.

ROCHA, Leonor, *As origens do megalitismo funerário no Alentejo Central: a contribuição de Manuel Heleno*, Trabalho de projecto de Doutoramento apresentado à Faculdade de Letras de Lisboa, 2005. Disponível em: <http://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/2237>.

ROCHA, Leonor, “Aspectos do Megalitismo na Área de Pavia”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, volume 1, número 1, Mora, 1999, p.71-94.

ROCHA, Leonor, *Carta Arqueológica de Mora*, in *Actas do Encontro – Arqueologia e Autarquia*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais, 1997.

ROCHA, Leonor, *Povoamento Megalítico de Pavia – Contributo para o conhecimento da Pré-história regional*, Mora, Câmara Municipal de Mora, 1999.

SEQUEIRA, Gustavo de Matos, *Inventário Artístico de Portugal: distrito de Santarém*, Lisboa, Academia Nacional de Belas Artes, 1949.

SERRÃO, Vitor, *Impactos do Concílio de Trento na Arte Portuguesa entre o Maneirismo e o Barroco (1563-1750)*, Lisboa, Centro de Estudos de Historia Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2012. Disponível em: http://www.academia.edu/6567577/Impactos_do_Conc%C3%ADlio_de_Trento_na_art_e_portuguesa_entre_o_Maneirismo_e_o_Barroco_1563-1750_.

SERRÃO, Vítor, *O brutesco nacional e a pintura de azulejos no tempo do barroco (1640-1725)*. In *Um gosto português. O uso do azulejo no século XVII*, Lisboa: MNAZ/BABEL, 2012, p. 183-200.

SIPA - Anta-Capela das Alcobertas, disponível em: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3905.

SIPA - Anta-Capela de Pavia, disponível em: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2726.

SIPA - Igreja de São Bento do Mato e Anta, disponível em: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3947.

SIPA - Dólmen da Capela de Nossa Senhora do Monte, disponível em: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3691.

TAVARES, José Campos, *Dicionário de Santos*, Porto, Lello Editores, 2001.

VASCONCELOS, José Leite de, *Religiões da Lusitânia*, 1897, Lisboa, Imprensa Nacional, 1988-1989.

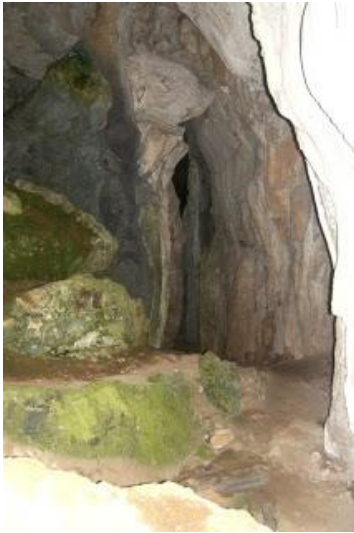
12. ANEXOS

12.1 FOTOGRAFIAS

1. *Gruta de Nossa Senhora da Luz*, (publ. In <http://rio-maior-cidadania.blogspot.com/2010/12/gruta-em-nossa-senhora-da-luz-i.html>). Pormenor da entrada.
2. *Gruta de Nossa Senhora da Luz*, (publ. In <http://rio-maior-cidadania.blogspot.com/2010/12/gruta-em-nossa-senhora-da-luz-i.html>). Pormenor do interior.
3. *Brazão das Alcobertas*, (publ. In <http://www.cm-riomaior.pt/municipio/juntas-freguesia/item/1068-freguesia-de-alcobertas>). Vista geral.
4. *Anta-Capela das Alcobertas*, (Ana Rita Costa, Alcobertas). Pormenor do telhado
5. *Esteios da anta-capela das Alcobertas no seu interior*. (Ana Rita Costa, Alcobertas). Pormenor.
6. *Anta-capela das Alcobertas vista da de fora*, (Ana Rita Costa, Alcobertas). Vista geral do monumento.
7. *Pintura com elementos vegetalistas em ocre*, (Ana Rita Costa, Alcobertas). Pormenor.
8. *Pintura com elementos vegetalistas em verde*, (Ana Rita Costa, Alcobertas). Pormenor.
9. *Estátua de Santa Maria Madalena no altar*, (Ana Rita Costa, Alcobertas). Vista do interior.
10. *Visão da fachada da igreja das Alcobertas*, (Ana Rita Costa, Alcobertas). Vista exterior.
11. *Visão interior da igreja das Alcobertas*, (Ana Rita Costa, Alcobertas). Vista do lado do altar-mor.
12. *Entrada de acesso para a anta-capela*, (Ana Rita Costa, Alcobertas). Vista da nave da Igreja Matriz de Alcobertas.
13. *Localização central da anta-capela de Pavia*, (Ana Rita Costa, Pavia). Vista exterior.
14. *Fachada da anta-capela de Pavia*, (Ana Rita Costa, Pavia). Pormenor da Entrada.
15. *Café “Dolmen” junto ao monumento*, (Ana Rita Costa, Pavia). Vista de frente para a anta-capela.
16. *Interior com frontal de azulejos*, (Ana Rita Costa, Pavia). Vista interior.
17. *Anta-capela em São Brissos*, (Ana Rita Costa, São Brissos). Vista geral.
18. *Anta-capela de São Brissos*, (Ana Rita Costa, São Brissos). Vista lateral.
19. *Pormenor do esteio tombado*, (Ana Rita Costa, São Brissos). Pormenor junto à entrada.
20. *Porta que divide a câmara megalítica do Acrescento*, (Ana Rita Costa, São Brissos). Vista Interior.
21. *Envolvência*, (Ana Rita Costa, São Brissos). Vista exterior.
22. *Nossa Senhora do Livramento*, (Ana Rita Costa, São Brissos). Pormenor.
23. *Nossa Senhora de Fátima*, (Ana Rita Costa, São Brissos). Pormenor.
24. *Santo António*, (Ana Rita Costa, São Brissos). Pormenor.
25. *Localização da anta-capela*, (Ana Rita Costa, São Bento do Mato). Vista geral.
26. *Anta-capela de São Bento do Mato*, (Ana Rita Costa, São Bento do Mato). Pormenor.
27. *Reminiscências da anta-capela embutida na parede*, (Ana Rita Costa, São Bento do Mato). Vista interior.

28. *Zona por onde continuava a anta*, (Ana Rita Costa, São Bento do Mato). Vista exterior.
29. *Interior da igreja*, (Ana Rita Costa, São Bento do Mato). Vista geral.
30. *Coro-alto*, (Ana Rita Costa, São Bento do Mato). Pormenor.
31. *Pia batismal*, (Ana Rita Costa, São Bento do Mato). Pormenor
32. *Padrões azulejares*, (Ana Rita Costa, São Bento do Mato). Vista interior.
33. *Degradação da igreja*, (Ana Rita Costa, São Bento do Mato). Vista interior.
34. *Anta-capela do Torrão*, (Ana Rita Costa, Torrão). Vista geral.
35. *Anta-capela do Torrão em ruínas*, (Ana Rita Costa, Torrão). Pormenor aproximado
36. *lugar de implantação da anta-capela*, (Ana Rita Costa, Torrão). Vista geral.
37. *Acesso à anta-capela em Penedono*, (Ana Rita Costa, Penedono). Vista geral.
38. *Anta-capela em Penedono*, (Ana Rita Costa, Penedono). Vista geral.
39. *Pormenor de telhas*, (Ana Rita Costa, São Brissos). Vista de pormenor.
40. *Pintura de São Cristóvão com o menino ao colo*, (Ana Rita Costa, São Bento do Mato). Vista geral.
41. *Pintura de São Cristóvão com o menino ao colo*, (Ana Rita Costa, São Bento do Mato). Vista de pormenor.
42. *Estátua de Santa Maria Madalena ao perto*, (Ana Rita Costa, Alcobertas). Vista ao pormenor.
43. *Visão da estátua outro ângulo*, (Ana Rita Costa, Alcobertas). Vista ao pormenor.
44. *Santa Maria Madalena Penitente*, Cristofano Allori, 1590 d.C. – 1621 d.C., pintura a óleo, Museu Grão Vasco, N.º de inventário 2135, (publ. in <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=209290>).
45. *Santa Maria Madalena*, autor desconhecido, XVII d.C. – XVIII d.C., pintura a óleo, Museu de Lamego, N.º de inventário 122/22, (publ. in <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=11600>).
46. *Santa Maria Madalena*, autor desconhecido, XVII d. C., pintura a óleo, Museu de Lamego, N.º de inventário 122/28, (publ. in <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=11606>).
47. *Santa Maria Madalena*, autor desconhecido, XVIII d.C., XIX d.C., pintura a óleo, Museu dos Biscainhos, N.º inventário 184 MDS, (publ. In <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=291520>, Cascais).
48. *Santa Maria Madalena Penitente*, autor desconhecido, XVII d.c. – protobarroco, pintura a óleo, Museu Grão Vasco, N.º inventário 2125, (publ. in <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=209398>).
49. *Santa Maria Madalena*, Simão Rodrigues, 1611 d.C. – 1620 d.C. – pintura maneirista, pintura a óleo, Museu Nacional Machado de Castro, N.º inventário 2143; P14, (publ. in <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=161310>).
50. *Santa Maria Madalena*, Pier Francesco Mola, XVII d.C., pintura a óleo, Palácio Nacional da Ajuda, N.º inventário 495, (publ. in <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=992409>).

51. *Santa Maria Madalena*, Domingos António de Sequeira, 1781 d.C. – 1786 d.C., pintura a óleo, Museu Nacional de Arte Antiga, N.º inventário 825 Pint, (publ. in <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=252789>).
52. *Santa Maria Madalena*, autoria desconhecida, XVII d.C., pintura a óleo, Museu de Évora, N.º inventário ME 760, (publ. in <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=15565>).
53. *Santa Maria Madalena*, autoria desconhecida, XVII d.C., pintura a óleo, Museu de Évora, N.º inventário ME933, (publ. in <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=18486>).
54. *Santa Maria Madalena*, autoria desconhecida, XVIII d.C., pintura a óleo, Palácio Nacional de Queluz, N.º inventário PNQ 3910, (publ. in <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=1002661>).
55. *Santa Maria Madalena*, Domingos António de Sequeira, 1789 d.C., pintura a óleo, Palácio Nacional de Queluz, PNQ 749, (publ. in <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=998473>).
56. *Santa Maria Madalena*, autoria desconhecida, XVIII d.C., barro, Museu Nacional Machado de Castro, N.º inventário 1293; E492, (publ. in Matriznet, Cascais).
57. *Santa Maria Madalena*, autoria desconhecida, XVII d.C. – XVIII d.C., marfim, Palácio Nacional da Ajuda, N.º inventário 56778, (publ. in <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=991763>).
58. *Santa Maria Madalena*, autoria desconhecida, XVIII d.C., marfim, Museu de Alberto Sampaio, N.º inventário MAS E 88, (publ. in Matriznet, Cascais).
59. *Santa Maria Madalena*, autoria desconhecida, XVIII d.C., marfim, Museu de Alberto Sampaio, N.º inventário MAS E 89, (publ. in <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=641>).
60. *Frontal de altar da anta-capela de Pavia*, (Ana Rita Costa, Pavia). Vista geral.
61. *Representação de São Dinis ou Dionísio*, (Ana Rita Costa, Pavia). Pormenor.



Fotografia 1



Fotografia 2



Fotografia 3



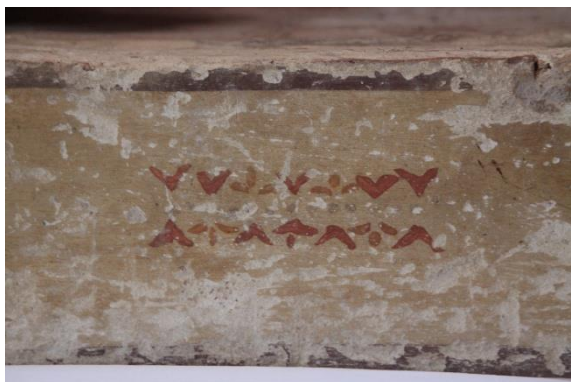
Fotografia 4



Fotografia 5



Fotografia 6



Fotografia 7



Fotografia 8



Fotografia 9



Fotografia 10



Fotografia 11



Fotografia 12



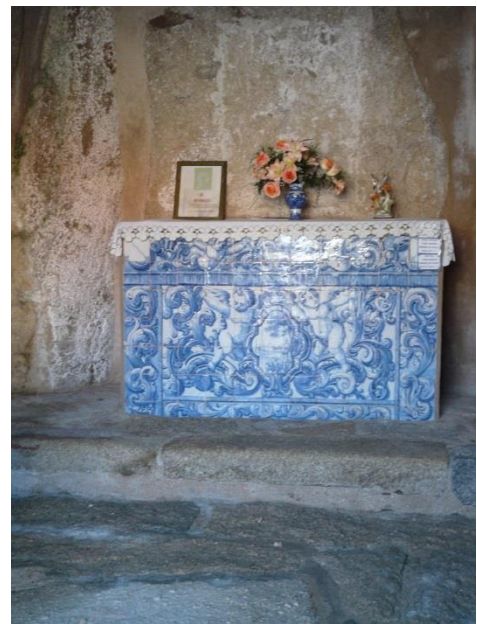
Fotografia 13



Fotografia 14



Fotografia 15



Fotografia 16



Fotografia 17



Fotografia 18



Fotografia 19



Fotografia 20



Fotografia 21



Fotografia 22



Fotografia 23



Fotografia 24



Fotografia 25



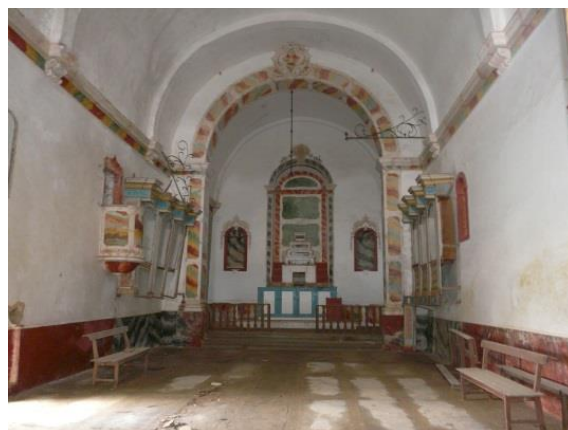
Fotografia 26



Fotografia 27



Fotografia 28



Fotografia 29



Fotografia 30



Fotografia 31



Fotografia 32



Fotografia 33



Fotografia 34



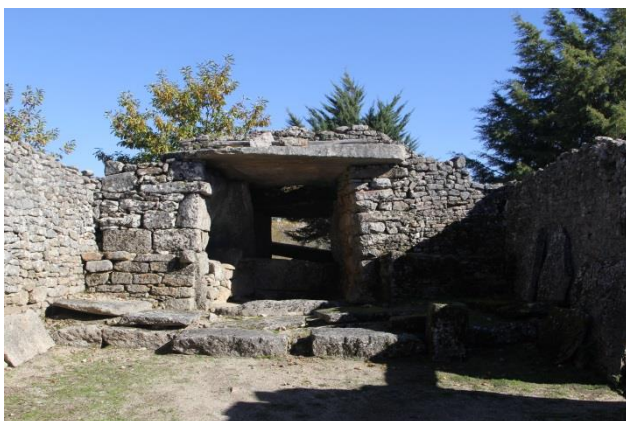
Fotografia 35



Fotografia 36



Fotografia 37



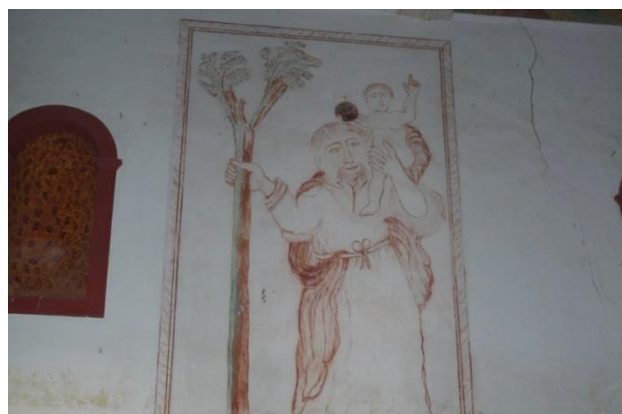
Fotografia 38



Fotografia 39



Fotografia 40



Fotografia 41



Fotografia 42



Fotografia 43



Fotografia 44



Fotografia 45



Fotografia 46



Fotografia 47



Fotografia 48



Fotografia 49



Fotografia 50



Fotografia 51



Fotografia 52



Fotografia 53



Fotografia 54



Fotografia 55



Fotografia 56



Fotografia 57



Fotografia 58



Fotografia 59



Fotografia 60



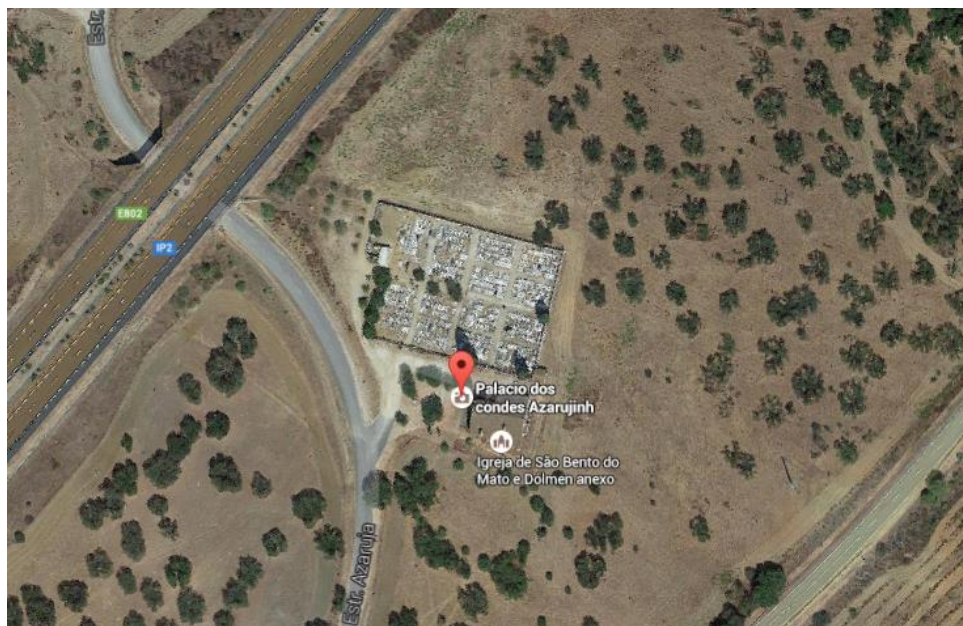
Fotografia 61

12.2 FOTOGRAFIAS AÉREAS

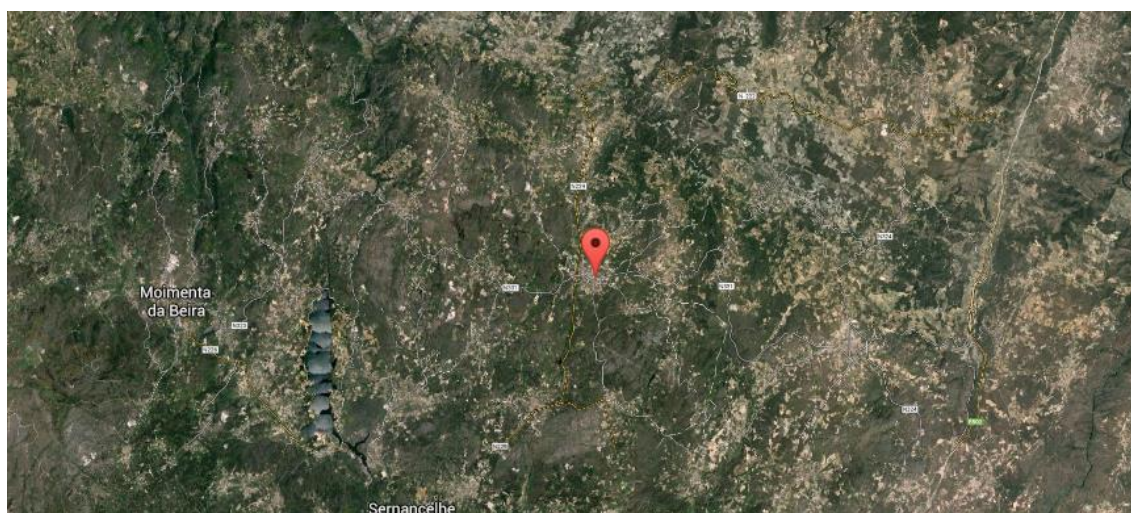
1. *Anta-Capela de Santa Maria Madalena em Alcobertas*, (disponível em Google Maps - <https://www.google.com/maps>).
2. *Anta-capela de São Bento do Mato em Azaruja*, (disponível em Google Maps - <https://www.google.com/maps>).
3. *Anta-capela de Nossa Senhora do Monte em Penedono*, (disponível em Google Maps - <https://www.google.com/maps>).
4. *Anta-capela de São Fausto em Torrão*, (disponível em Google Maps - <https://www.google.com/maps>).
5. *Anta-Capela de São Brissos ou Capela da Senhora do Livramento em Santiago do Escoural*, (disponível em Google Maps - <https://www.google.com/maps>).
6. *Anta-Capela de São Dinis ou São Dionísio em Pavia*, (disponível em Google Maps - <https://www.google.com/maps>).



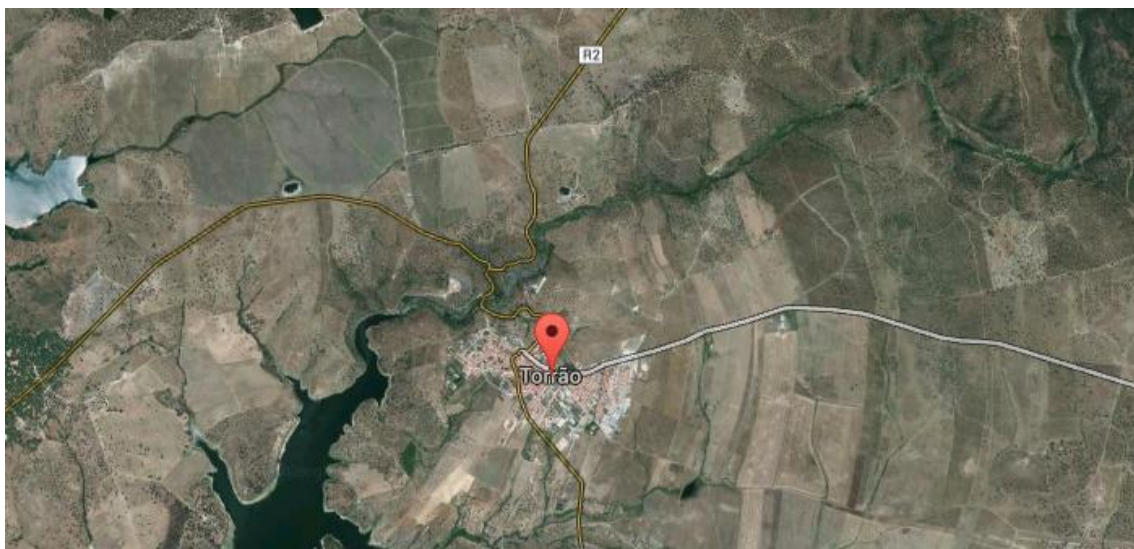
Fotografia aérea 1



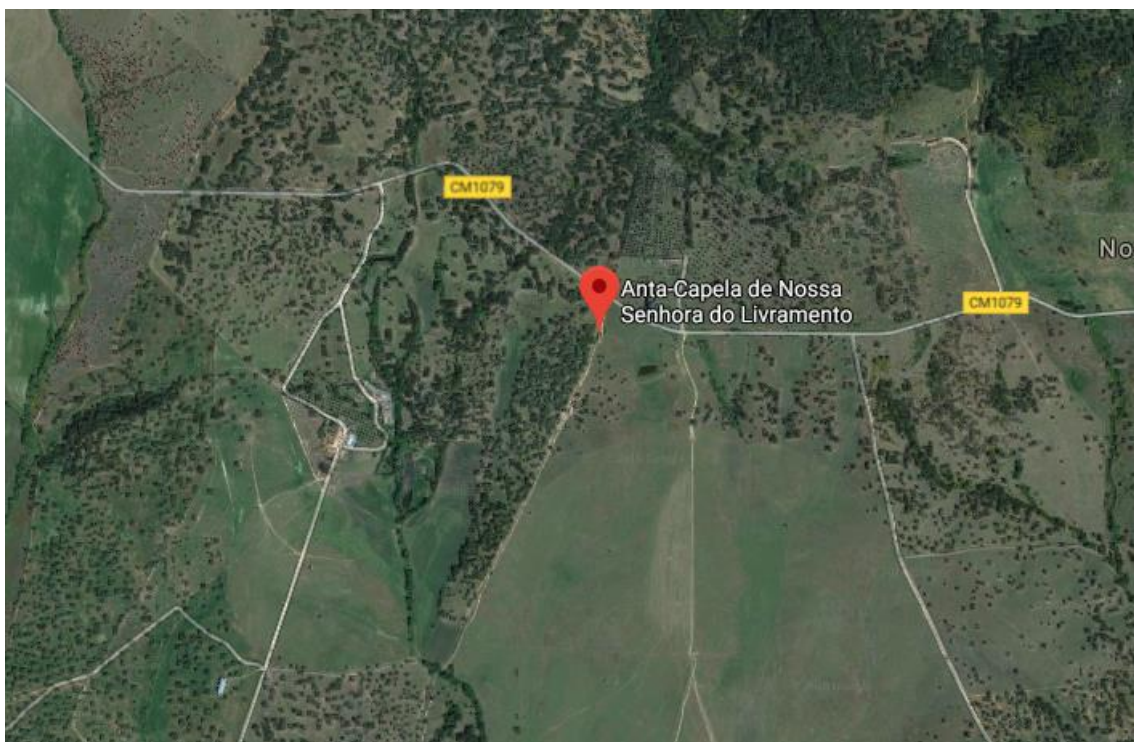
Fotografia aérea 2



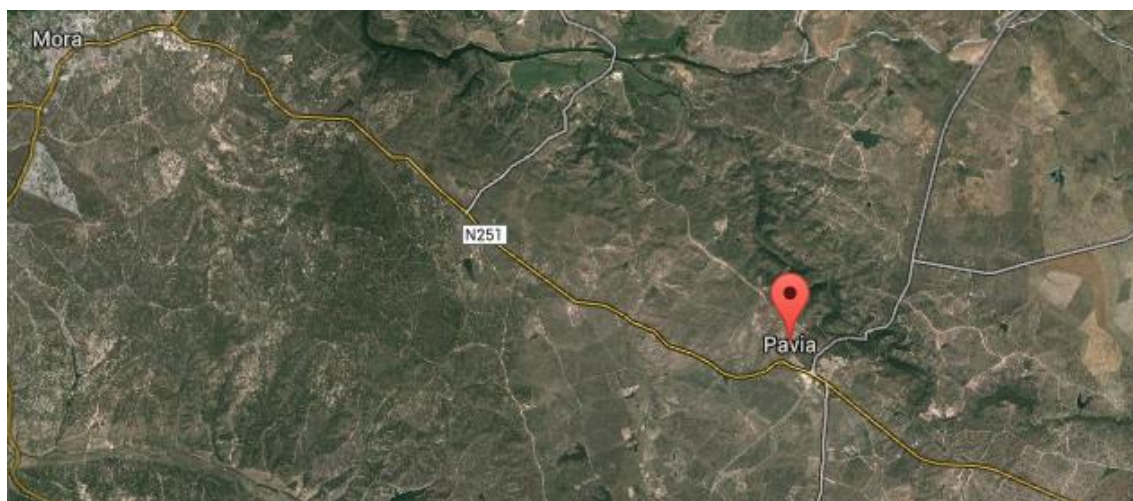
Fotografia aérea 3



Fotografia aérea 4



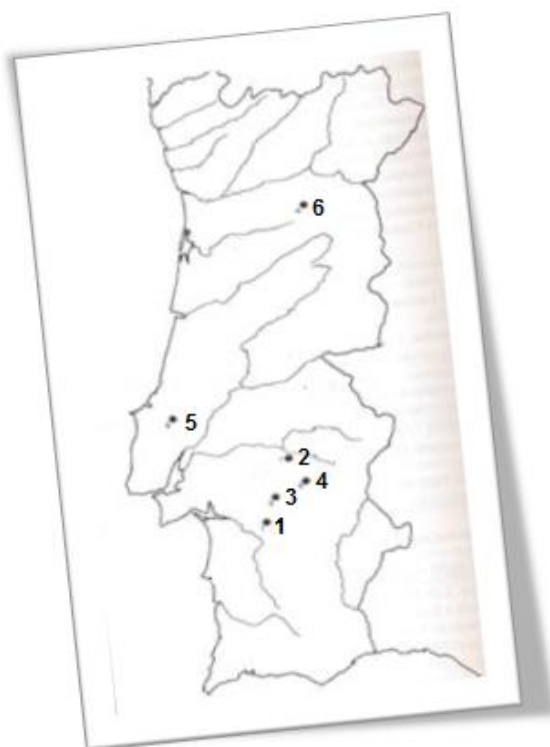
Fotografia aérea 5



Fotografia aérea 6

12.3 MAPAS

1. *Mapa de Portugal com a localização dos monumentos*, (publ. In *Antas e antas-capelas junto a antas no território português*). 1 - Anta-Capela de S. Fausto, Torrão 2 - Anta-Capela de S. Dinis, Pavia 3 - Anta-Capela de Nossa Senhora do Livramento, S. Brissos 4 - Anta-Capela de S. Bento do Mato, Azaruja 5 - Anta-Capela de St.^a M. Madalena, Alcobertas 6 - Anta-Capela de Nossa Senhora do Monte, Penedono.



Mapa 1